

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Departamento de Educação Física

**PERSPECTIVA DE COMO SÃO REALIZADAS AS AVALIAÇÕES NA INICIAÇÃO
ESPORTIVA DO FUTEBOL**

ÁLVARO JOSÉ MARQUES TEIXEIRA

Bauru / São José dos Campos

2022

**PERSPECTIVAS DE COMO SÃO REALIZADAS AS AVALIAÇÕES NA INICIAÇÃO
ESPORTIVA DO FUTEBOL**

ÁLVARO JOSÉ MARQUES TEIXEIRA
PROFº DR. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” como parte dos requisitos
necessários para a obtenção de Grau de
Bacharelado em Educação Física.

Bauru/São José dos Campos - SP

2022

T266p

Teixeira, Álvaro José Marques

Perspectivas de como são realizadas as avaliações na
iniciação esportiva do futebol / Álvaro José Marques
Teixeira. -- Bauru, 2022

76 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Educação Física) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientador: Milton Vieira do Prado Junior

1. Avaliação educacional. 2. Aprendizagem. 3.
Treinadores de futebol. 4. Futebol. I. Título.

ÁLVARO JOSÉ MARQUES TEIXEIRA

**PERSPECTIVAS DE COMO SÃO REALIZADAS AS AVALIAÇÕES NA INICIAÇÃO
ESPORTIVA DO FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como parte dos requisitos necessários para a obtenção de Grau de Bacharelado em Educação Física.

Orientador - Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior

Prof. Dr. Márcio Pereira da Silva

Profa. Esp. Emanuela Maria Montoro Hernandes

Bauru/São José dos Campos - SP - 2022

RESUMO

O esporte ao longo do tempo, sofreu diversas transformações, o futebol não foi diferente, em que começou a ser praticado como jogos populares chegando ao patamar de esporte espetáculo, tornando-se o futebol moderno. Tal influência teve impacto na cultura brasileira, estimulando muitas crianças a praticarem através da iniciação esportiva. Porém, a iniciação esportiva não teve essas transformações no mesmo ritmo, na qual ainda se encontra subordinada ao alto rendimento, por mais que houve avanços nas pesquisas sobre a pedagogia do esporte. Esta subordinação leva a reprodução do método de ensino tradicional, através do ensino analítico, fragmentado e descontextualizado que não compactua com os objetivos específicos do esporte como meio educacional. Refletindo na falta de utilização de métodos avaliativos sistematizados no processo de ensino-aprendizagem do futebol pelos professores durante suas práticas de ensino. Desta forma, o objetivo deste estudo foi investigar como são realizadas as avaliações dos alunos na iniciação esportiva do futebol, através da visão dos professores, comparando com os métodos de avaliação encontrados na literatura. Foi adotada a pesquisa exploratória, através de dados coletados por meio de questionário online. Participaram da pesquisa dezesseis professores das cidades do estado de São Paulo. Dentre os professores, quatro relataram não realizar avaliações com os alunos. Já entre as respostas dos doze professores, 43,75% utilizam como principal método de avaliação a observação; 12,5% utilizam avaliações físicas; 25% utilizam avaliações técnicas dos fundamentos e habilidades do futebol; 18,75% realizam avaliações táticas. Através da análise de dados foi possível concluir que falta conhecimento conceitual sobre avaliação e sua aplicação no processo de ensino-aprendizagem, bem como, a necessidade de de novos estudos sobre o tema, para que possa contribuir com o corpo de conhecimento na área e que possa influenciar na prática de ensino que vem sendo reproduzida na iniciação esportiva, criticada na literatura.

Palavras-chaves: Iniciação Esportiva. Avaliação. Avaliação de Aprendizagem. Ensino do Futebol.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
2 - OBJETIVO	12
2.1 - Objetivo Geral	12
2.2 - Objetivos Específicos	12
3- REVISÃO DE LITERATURA	12
3.1 -O Esporte e suas transformações	12
3.2 - FUTEBOL	16
3.3 - INICIAÇÃO ESPORTIVA	20
3.4 – Avaliação na iniciação esportiva do futebol	30
4. METODOLOGIA	43
4.1 Participantes	44
4.2 Procedimentos	44
4.3 Análise dos dados	45
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5.1 Avaliação Observacional/Não Ficou Claro	56
5.2 Avaliações Físicas	59
5.3 Avaliação Técnica	60
5.4 Avaliação Tática	62
5. CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXO A - SEÇÃO 1	70
ANEXO B - SEÇÃO 2	71
ANEXO C - SEÇÃO 3	75
ANEXO D - SEÇÃO 4	76

1 - INTRODUÇÃO

O esporte é uma atividade reconhecida socialmente, e no decorrer dos anos, essa relação entre esporte e a sociedade foi influenciando e sendo influenciada por diversas culturas. E, com a proporção mundial que o esporte alcançou nos últimos anos, o número de praticantes e apreciadores cresceu junto (FERREIRA; RAMOS, 2010; BETTI, 2020).

Em paralelo observamos também o aumento nos estudos em diversas áreas de conhecimento, que objetivam investigar o impacto que o esporte exerce na sociedade e nos praticantes. Neste sentido, a área da Educação Física também passou a estudá-lo para procurar entender sua prática nos diferentes contextos e suas influências, desde o lazer de forma lúdica (TUBINO, 2010), passando pela escola como conteúdo da Educação Física Escolar (DARIDO;RANGEL, 2005), ainda na escola com as Atividades Curriculares Desportivas (MOZARDO JUNIOR, 2020), enraizando nos clubes (PAES, 1998) e se destacando nas competições de alto rendimento, ganhando proporções mundiais através da mídia (TANI, 2000).

Foi através dessas diferentes vertentes do esporte na sociedade que conheci, assisti, aprendi, treinei o esporte futebol e hoje coloco como objeto deste estudo. Concordamos com Leonardi (2013) e Scaglia (2021) que o futebol está enraizado na cultura do Brasil, e na maioria das vezes, as pessoas se envolvem emocionalmente e isso faz parte de sua vida.

Minha relação com o futebol começou com 6 anos de idade no ano de 2002, ano em que aconteceu a Copa do Mundo sediada na Coreia e no Japão. Lembro o quanto me marcou meu pai acordando de madrugada para acompanhar a seleção brasileira jogando. A família se reunindo nos dias dos jogos do Brasil, todas as ruas da vizinhança totalmente caracterizadas de verde e amarelo, e por último, me lembro da comemoração de campeão. Porém, nesse tempo, não entendia o porquê daquela comemoração, mas lembro o quanto me marcou esta conquista do futebol brasileiro.

Já a prática começou justamente nessas ruas tematizadas, jogando com as crianças da vizinhança na frente de nossas casas, com os antigos “jogos da rua de trás contra a rua da frente”, descrição bem semelhante com a que encontramos em Scaglia (2021) e Tubino (2010). Nessa mesma época, o esporte estava começando a ser ensinado na escola, e seguindo a tradição do “quarteto mágico” (a prática exclusiva das modalidades de futebol, vôlei, basquetebol e handebol na escola) e da cultura brasileira, o futebol era o esporte mais praticado na escola, aspecto enfatizado por Darido e Rangel (2005) e Darido (2017).

Entretanto, já na escola vivenciei uma das consequências da reprodução do esporte de rendimento, a exclusão, pelo motivo da minha baixa estatura. Muitos colegas de classe não me queriam nos seus times, porém, não deixava de jogar, e nos “interclasses” formávamos o segundo time da classe com aqueles que não foram selecionados também, e em alguns momentos chegamos até a ganhar do time da nossa sala. Fator este destacado por Mozardo Junior (2020) que necessita ser levado em consideração quando da utilização do esporte no meio educacional.

Com o decorrer dos anos, com muita insistência de minha parte, meus pais me colocaram nas escolinhas de futebol, espaço que é desenvolvida a iniciação esportiva, tema este que é foco neste estudo. Foi através da iniciação esportiva que me apaixonei ainda mais pelo futebol, desenvolvendo amizades no meio, desenvolvendo um espírito de querer melhorar, a trabalhar em equipe, conviver com as vitórias e derrotas. Objetivos estes destacados por Kiouranis (2017) quando discute o papel do esporte para a criança e o adolescentes e sua justificativa nos jogos escolares.

Através da iniciação desenvolvi habilidades e capacidades para praticar o futebol, porém, continuei convivendo com a crítica da baixa estatura ao ser comparado com os adolescentes da mesma faixa etária. Porém, esse preconceito não me desanimou, e fui almejando chegar ao alto nível, buscando me tornar um profissional do futebol, participando de diversos campeonatos e peneiras para ingressar em times de categoria e base. Esta é a meta da iniciação esportiva, primeiramente segundo TANI (2000) melhorar o desempenho e posteriormente exigir o rendimento esportivo. Esta é a contradição, a vivência e o rendimento se confundem muitas vezes, faz com que historicamente apareça crítica sobre a

utilização no modelo esporte rendimento no contexto escolar e da iniciação desportiva (BETTI, 2020; PAES, 1998; MOZARDO JUNIOR, 2020).

Um dos pontos que necessita ser enfatizado é o processo de acompanhamento e da avaliação da aprendizagem dos praticantes/alunos. Historicamente, percebe-se a utilização de modelos de avaliação do esporte rendimento no momento de planejar as atividades, ou na seleção de jovens para a iniciação esportiva e no momento de avançar ao treinamento esportivo. Cavichioli et al (2011) coloca que alguns pais e profissionais que atuam na iniciação esportiva apontam que o talento é inato. Porém, os autores colocam que nos últimos anos esta visão vem alterando e a preocupação com a formação de atletas passa pelo ensino, aprendizagem e prática, tendo o jogar bola como uma possível profissão.

A falta de avaliação na iniciação esportiva pode gerar consequências, ficando refém da óptica de olheiros e peneiras que buscam jovens já “desenvolvidos”, pois eles estão buscando resultados a curto prazo, títulos e melhores posições nos campeonatos de categoria de base. Sendo assim, a avaliação que é realizada na iniciação esportiva, se essa existe, em toda as escolinhas é feita de forma subjetiva, em que os clubes já sabem o que estão buscando, mas e as escolinhas de futebol, sabem quais jovens querem desenvolver ou quais habilidades e capacidades devem ser desenvolvidas naqueles jovens que estão em fase de desenvolvimento?

Dessa forma, a importância da avaliação deve ser destacada, pois ao ser estruturada e aplicada proporciona resultados e dados para ver como os alunos estão se desenvolvendo. Além disso, possibilita ao profissional identificar quais alunos necessitam desenvolver mais uma habilidade específica ou a noção tática de jogo, auxiliando no planejamento das futuras aulas para melhorar o jogo da turma como um todo, e proporcionar feedbacks aos alunos e pais de como está esse processo de ensino aprendizagem (LEONARDI, 2013).

Na minha trajetória na prática de futebol também passei por processos avaliativos e aos 16 anos de idade cheguei a ingressar em times de categorias de base. Porém, diversos fatores foram me desmotivando, pois nessa idade começam a aparecer questionamentos se o objetivo de se tornar profissional seria alcançado, como seria o futuro e, muitas vezes, não havia um feedback dos treinadores ou clubes sobre o que poderia ser melhorado. Além disso, acompanhei que alguns

praticantes por ter empresário ou amizade com um treinador/diretor do clube, obtinham uma chance mesmo sem muita habilidade, enquanto amigos que mereciam uma chance pelo seu desempenho não eram selecionados ou convidados a continuar em algum clube. Como resultado abandonei a prática, porém, coloquei como meta profissional adentrar a formação na área de Educação Física.

E no ano de 2015 ingressei no curso de Educação Física pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho de Bauru-SP (UNESP), mudança radical na forma de pensar o esporte. De início desconstruiu o pré-conceito que a Educação Física é sinônimo de esporte e vice e versa. Na graduação voltei a praticar a modalidade de futebol e futsal que já fazia alguns anos que não praticava, e o esporte universitário vivenciado voltou a despertar essa paixão que estava adormecida, em especial, na minha participação em campeonatos disputados com envolvimento total da comunidade universitária nos jogos.

Lembro de um momento que me marcou foi no primeiro InterUnesp, que foi realizado em Araraquara no ano de 2015, que o ginásio Gigantão estava lotado, com direito a instrumentos musicais das torcidas organizadas, faixas e bandeiras, e a metade do ginásio torcendo a favor de Bauru. Nesse exato momento notei que era por este motivo o desejo de virar um jogador profissional de futebol, aquele calor que senti com 6 anos de idade que me despertou o interesse pelo futebol eu estava presenciando novamente, mas agora eu estava fazendo parte do cenário principal.

Durante a graduação vivenciei situações que me marcaram na minha formação, como a escolha em realizar a licenciatura primeiro, proporcionando entender como acontece o processo de crescimento e desenvolvimento e de ensino aprendizagem do ser humano e a importância desse período. Proporcionou também a entender como o despertar o interesse e curiosidade do aluno possibilita o envolvimento total, tornando-o protagonista no processo de ensino aprendizagem.

Nas disciplinas da licenciatura, não há como ignorar a avaliação e sua importância. Na graduação também participei do Projeto de Extensão Ensinando e Aprendendo o Handebol, o qual fui bolsista, que possibilitou a encarar a iniciação esportiva com outra ótica e outro método a aquele que vivenciei no passado, no meu processo de formação inicial no futebol. O objetivo do projeto era ensinar o esporte de uma forma que a pessoa desenvolvesse a autonomia e criticidade sobre aquele

esporte, para praticá-lo onde e como quiser. Sendo muito mais voltado para o lazer do que para o alto rendimento, proporcionou a fazer reflexões que antes não eram possíveis.

Entre essas reflexões, uma das que mais apareciam era sobre o que ensinar, o porquê ensinar e quando ensinar alguma técnica ou tática. Ou seja, o que priorizar em determinados momentos nesse processo de ensino aprendizagem?

Diante dessa reflexão, na busca de procurar respondê-la, foi evidenciado que é muito subjetivo essa tomada de decisão, e que para torná-la mais racional e sistematizada devem ser realizadas avaliações do nível de jogo da turma, para observar o que deve ser ensinado, porque e como. Sendo assim, desenvolvemos um roteiro de avaliação que possibilita colher dados das tomadas de decisões e da noção tática processual dos alunos dentro do jogo, e isso ajudou e muito no planejamento das aulas e verificar como estava a evolução dos alunos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI, 2013).

Após finalizar a graduação da licenciatura em Educação física, por conta do contexto da pandemia do Covid-19, me mudei para São José dos Campos, onde comecei a estagiar com a iniciação esportiva em futebol na escolinha Chute Inicial Corinthians. Neste momento, me deparei com a necessidade de rever e estudar a metodologia de ensino do futebol. Nos estudos ficou evidente que várias escolinhas de futebol não realizam uma avaliação sistematizada. Assim, identifiquei ser necessário verificar na literatura métodos de avaliação na iniciação esportiva para que pudesse agregar na minha prática profissional e indicar para os outros professores e estagiários.

Partindo do pressuposto que é fundamental avaliar, planejar, ensinar e reavaliar o processo de ensino aprendizagem do futebol quando objetivamos a formação de atletas na iniciação esportiva é que pretendo avançar meus estudos nesta temática.

Nesta perspectiva fica evidente que apenas a observação do desempenho de crianças e adolescentes no jogo de futebol, por se tratar de um esporte de invasão, pode não ser a melhor estratégia e, com certeza não é a única (LEONARDI, 2013; PAOLI; SILVA; SOARES, 2008). No futebol o praticante sempre encontra relação de oposição com os adversários e de cooperação com os companheiros. Além disso,

sofre influências ambientais e emocionais, essas inclusive muitas vezes como pressão depositada pelos familiares, influenciando nas tomadas de decisões do praticante no jogo. Assim, muitas vezes aqueles que apresentam um melhor desempenho no “jogo avaliativo” nem sempre são aqueles que dominam as técnicas e habilidades nos treinos, porém se saem melhor em situações de imprevisibilidade (LEONARDI, 2013).

2 - OBJETIVO

2.1 - Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho foi investigar como é realizada a avaliação dos alunos/atletas na iniciação esportiva do futebol, através da visão dos professores vinculados a escolinhas de futebol.

2.2 - Objetivos Específicos

Após esta identificação iremos comparar com a literatura se são as melhores estratégias para a organização do processo de ensino aprendizagem, seleção dos participantes em turmas de treinamento e futura participação no esporte competição.

3- REVISÃO DE LITERATURA

3.1 -O Esporte e suas transformações

Com o passar dos anos o Esporte sofreu diversas transformações de proporções gigantescas, saindo de práticas de lazer chegando ao esporte rendimento, com altos investimentos e participação na mídia. Tais mudanças

geraram transformações no processo ensino aprendizagem das lógicas internas e externas de cada modalidade esportiva. Além disso, verificamos também o alcance social e cultural, levando-o a se tornar um fenômeno social (FERREIRA; RAMOS, 2010).

Segundo Betti (2020) o esporte teve seu início na Inglaterra, aproximadamente nos anos de 1880, em que, uma vez que os países europeus tinham como enfoque o treinamento militar, as aulas de educação física eram fundamentadas no movimento ginástico europeu, tendo como objetivo preparar para a guerra os futuros cidadãos de cada nação. Porém, o contexto da Inglaterra era diferente, pois sua posição geográfica isolada, e pelo seu alto poder marítimo, não necessitava dessa tal preparação para impedir invasões estrangeiras, sendo assim, possibilitou enfatizar a prática do esporte dentro das escolas e depois disseminando para o restante dos espaços sociais.

Todavia, Bracht (2005) destaca o início do esporte através da decadência dos jogos populares, pelo fato de, nesse contexto histórico, está surgindo uma nova sociedade, a sociedade moderna. Dessa forma, muitos desses jogos populares foram sendo transformados, em que tiveram seu início com os jogos populares da sociedade no período da revolução industrial se transformando na prática esportiva do esporte moderno, em que a competição esportiva chegou a patamares gigantescos. Betti (2020) complementa destacando o surgimento das Escolas Públicas inglesas e as Universidades, somando ao fato do surgimento da classe média por consequência da Revolução Industrial.

De acordo com Tubino (2010), após seu surgimento e até 1978, o esporte era compreendido exclusivamente na dimensão do alto rendimento, mesmo sendo praticado nas escolas, ruas, clubes e praças públicas. Desta maneira, em 1978 foi emitida a Carta Internacional de Educação Física e Esporte em Paris, pois já haviam diversos autores criticando a prática do esporte de forma exclusiva ao alto rendimento, possibilitando analisar o esporte com outras finalidades sem ser a ascensão de medalhas olímpicas. Entretanto, no Brasil, apenas em 1998 ocorreram essas modificações no conceito do esporte através da lei PELÉ, nº 9.615 em seu artigo 3º do capítulo III (DA NATUREZA E DAS FINALIDADES DO DESPORTO), possibilitando definir objetivos específicos para cada dimensão do esporte,

permitindo debater o esporte como formal e informal, levando-o a ser um direito de todo cidadão brasileiro realizar a prática do esporte.

Após apresentar este breve histórico do esporte, de como surgiu e suas transformações, vamos agora diferenciar as modalidades esportivas. Dessa forma, devemos entender como classificar os esportes, por exemplo o futebol, uma vez que na maior parte das vezes é classificado apenas como esporte coletivo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

No entanto, será que essa é a melhor maneira de classificá-lo? Por essa classificação uma pessoa que nunca praticou essa modalidade esportiva consegue entender todas as suas características e lógicas? Como diferenciar o Futebol do Beisebol ou do Atletismo? Para respondermos essas perguntas iremos usar a teoria da Praxiologia Motriz, criada pelo Francês Pierre Parlebas na década de 1960 (FERREIRA; RAMOS, 2017).

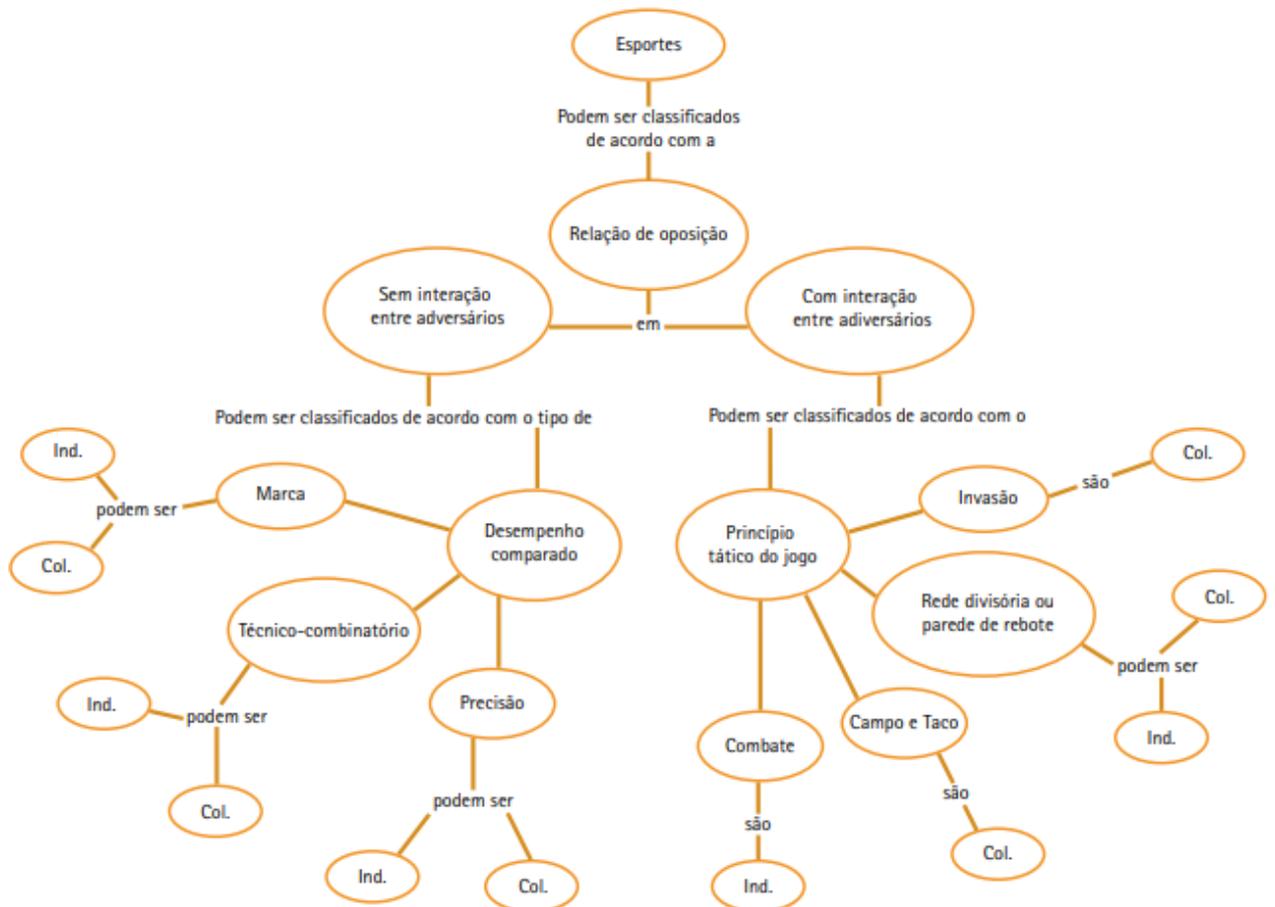
O estudo de Ferreira e Ramos (2017), que utilizam a Praxiologia Motriz, classificam as práticas corporais em duas maneiras: a) *as psicomotrizes* - em que o praticante possui uma relação entre ele e o ambiente, não existindo nenhum companheiro de equipe ou adversário que influencia sua prática de forma direta; b) *as práticas corporais sociomotrizes* - em que pode ter relação de cooperação com um ou mais companheiros, relação de oposição com um ou mais adversários, ou as duas relações ao mesmo tempo. Dessa forma, o futebol é uma prática sociomotriz pois apresenta, de forma simultânea, relação de cooperação com os integrantes da sua equipe para alcançar o objetivo (marcar o gol) e relação de oposição com os adversários para evitar ou dificultar que a equipe adversária alcance o objetivo.

Dessa forma, por exemplo, já é possível destacar a diferença entre as provas de atletismo nas modalidades de revezamento, que são balizadas durante toda a prova (um exemplo é o 4x100m) e o futebol, mesmo sendo modalidades coletivas, a diferença está no fato que nas provas de atletismo balizadas não há relação de oposição direta, pois cada atleta ou equipe realizam as provas em suas respectivas raias, ou seja, nenhum participante pode interferir de forma direta na performance do seu adversário.

Já para a segunda questão, a principal diferença entre o beisebol e o futebol, ou até entre o voleibol e o futebol, nos reportaremos a outra classificação da

praxiologia motriz. Para classificar os tipos de esporte, além de considerar se há interação de oposição de forma direta ou não, devemos procurar entender como ocorre essa relação de oposição. Iremos aprofundar apenas nos esportes que há relação de oposição direta, porém na Figura 1 contém o mapa dos esportes, possibilitando entender como é a classificação dos outros esportes. De acordo com González e Bracht (2012) para classificar os esportes que contém a relação de oposição, a principal questão é diferenciar como ocorre essa relação, por meio dos princípios táticos da ação, ou seja, como os atletas devem se comportar ou se relacionarem (quando há necessidade) para alcançar as metas. Os tipos de esportes são os: Esportes de Combate (Ex: Karatê), Esportes de Campo e Taco (Ex: beisebol), Esportes com Rede Divisória (Ex: Voleibol) e Esportes de Invasão (Futebol).

Figura 1: Mapa dos Esportes



Fonte: GÓNZALEZ, F. J.; BRACHT, V. Metodologia do ensino dos Esportes Coletivos. 1º ed. Vitória: UFES, 2012.

Sendo assim, o Futebol se encontra nas modalidades esportivas com relação de oposição direta, com o princípio tático de jogo de invasão, em que, para alcançar o objetivo de realizar o gol o praticante deve invadir o campo adversário, e por último é considerado um esporte coletivo.

O Futebol é objeto deste estudo, desenvolveu-se desde sua criação de uma atividade recreativa até se tornar um esporte que é acompanhado por milhares de pessoas, ganhando dimensões globais, capaz de estar presente na cultura de diferentes países, como em nosso país, que já foi conhecido como o país do futebol (REZENDE, 2018). Desta forma, é evidente que estudiosos e pesquisadores já tiveram interesse em entender as mudanças que ocorreram com a aprendizagem da sua prática e o aumento do interesse de crianças, jovens e adultos pela modalidade.

Nosso recorte neste estudo focará no contexto da iniciação esportiva, momento esse em que o praticante está tendo seu primeiro contato com a modalidade esportiva. Momento decisivo onde o praticante pode levar essa prática para o restante da sua vida ou decidir em não o praticar. Esta fase de iniciação esportiva é fundamental para despertar o gosto e curiosidade pelo esporte, sendo essencial o papel do professor/treinador para facilitar e direcionar o processo de ensino e aprendizagem dos elementos do esporte (TUBINO, 2010). Visto que, este contato com a modalidade pode ocorrer no sistema escolar, mas muito provavelmente em outros espaços da sociedade vivenciados pela criança e o jovem.

3.2 - FUTEBOL

O futebol é a modalidade esportiva mais praticada no Brasil, está enraizada na cultura brasileira o que a faz mundialmente ser conhecida como o País do Futebol (FERREIRA; RAMOS, 2010; REZENDE, 2013; SCAGLIA, 2021). Justamente por ser uma prática popular e por ter tomado grandes dimensões na

cultura do brasileiro que muitas crianças possuem o sonho de se tornarem jogadores deste esporte.

A história do futebol tem início através dos jogos com bola, mais especificamente, jogos de chutar a bola, que possuem registros em diversas sociedades da antiguidade. Porém, esses jogos não possuíam regras estabelecidas, em que, para jogar era necessário alguém explicar quais seriam as regras para aquele jogo naquela determinada circunstância, variando o número de jogadores, o espaço determinado, e outro fator importante é que esses jogos eram violentos se for comparado com o futebol moderno (PRONI 2000). Um exemplo, que muitas vezes é associado ao futebol, é o jogo que era jogado na Florença, Itália, chamado de Cálcio no século XVI, porém o futebol definido por:

“...atividade recreativa racionalmente organizada, desvinculada do calendário de festas cívicas ou religiosas, com manual de regras e árbitro para inibir a violência ou trapanças, e com campeonatos rígidos por uma associação esportiva que representa os interesses dos times - surgiu somente em meados do século XIX na Inglaterra.” (PRONI, 2000, p. 19).

Com as transformações das sociedades e de seus valores no final do século XVIII e início do século XIX, especificamente na Inglaterra, teve início um “processo civilizador” contribuindo para o surgimento do futebol que conhecemos hoje (PRONI, 2000, BRACHT, 2005). Durante esse processo histórico o futebol não teve sua esportivização de forma planejada por pessoas da elite britânica, na prática durante esse período, tiveram registros de apropriações dos jogos populares com bola pelos alunos das *public schools*, transformando em práticas competitivas com mais organização e menos violentas, porém ainda havia muitas adaptações nas regras de acordo com cada região (BETTI, 2020).

Entretanto, de acordo com Proni (2000) havia resistência dos gestores das escolas com os jogos com bola, por argumentarem ter um excesso de violência. Nas escolas reservadas às elites inglesas, havia um consenso de que esses jogos eram truculentos e havia uma preferência por esportes individuais e aristocráticos. Ao mesmo tempo, nas escolas secundárias o futebol foi difundido de maneira espontânea pelos alunos, transformando o “jogo das multidões” em um esporte

escolar, pois havia uma tolerância maior nas escolas secundárias da prática desses jogos no interior da escola, por acreditarem que esses jogos ocupavam o tempo dos jovens e auxiliava no controle da agressividade sem muitos danos.

Sendo assim, viu-se a necessidade de institucionalizar, e em 1830 surgiram as primeiras regras escritas desse jogo, como as regras de 11 jogadores para cada equipe, porém outras regras ainda estava longe do futebol que conhecemos atualmente, como exemplo o alvo era composto por duas traves verticais, mais parecido com o Rugby, na realidade essas duas modalidades tinham muitas coisas em comum naquela época, em que, não era totalmente bem definido a diferença entre as duas modalidades e na prática isso apresentava uma dificuldade aos praticantes pelo motivo de cada colégio jogar com regras específicas, ou seja, alguns colégios jogavam práticas mais parecidas com o Rugby e outras com o Futebol. E em 1846 foram publicadas as primeiras regras do Rugby (PRONI, 2000).

Por causa dessa dificuldade apresentada para jogar, os representantes de diferentes escolas se reuniram em 1848 na universidade de Cambridge para criar o código comum do Futebol. Nos debates daquela época, haviam representantes com ideologias diferentes, alguns queriam diminuir a aceitação do contato físico, para acabar com *hacking* (chute na canela) e proibir o recurso de carregar a bola com a mão, por outro lado havia representantes que alegavam que acabar com o contato físico iria tirar a “virilidade” do jogo e que essas mudanças iriam desfigurar o jogo (PRONI, 2000; REZENDE, 2018).

Sendo assim, esses debates levaram a separação desses jogos e a criação de duas modalidades diferentes, o *Rugby Football (rugger)* e ao *Association Football (soccer)*. Através dessas mudanças após código comum, o Futebol passou a ser aceito no sistema educacional e a partir de 1860 os pedagogos mais conservadores mudaram sua óptica em relação à prática desse esporte, que antes era praticado apenas com vista grossa dos pedagogos passou a ser incentivado.

“...de uma postura de desagravo ou tolerância para uma orientação explícita de encorajamento e valorização do novo esporte. E o futebol foi convertido em uma escola de virtude e virilidade, capaz de ajudar a modelar o caráter e estimular a vontade vencer, o que distingue os verdadeiros líderes.” (PRONI, 2000, p. 24)

Conforme foi havendo essas mudanças o Futebol passou a ser melhor aceito nas escolas. Desta forma, a iniciação esportiva atingiu um maior número de alunos praticantes, o que incentivou clubes esportivos a criarem escolinhas de iniciação e aumentar cada vez mais o número de filiados a esses clubes. Assim, disseminando a prática da modalidade futebol a novos praticantes, agora também fora do ambiente educacional.

Com a proliferação da prática da modalidade, na década de 1870, o futebol regulamentado passou a ser praticado pela classe trabalhadora nas regiões do centro e do norte da Inglaterra, através do incentivo dos diretores das indústrias. Um dos motivos foi pela necessidade de obter novos jogadores para a criação de equipes. Com o passar dos anos, a ideologia por trás do incentivo à prática do futebol mudou, passando a ser para combater a criminalidade e "...estimular atitudes e aptidões relativas ao mundo do trabalho, como resistência física, a disciplina funcional e a obediência a normas e comandos." (PRONI, 2000, p. 26).

O Futebol passou a ganhar espaço na sociedade, tornando-se um espetáculo por se tratar de um duelo no qual o resultado é imprevisível. Cada vez mais admirado passou a atrair a atenção de milhares de pessoas que estavam dispostas a pagar por ingressos para assistir aos jogos esportivos. Dessa forma, algumas equipes passaram a remunerar os jogadores, fruto do dinheiro arrecadado com os ingressos, para que eles conseguissem se dedicar mais ao jogo e melhorar sua performance através de treinamentos. Porém, os dirigentes da *Football Association* eram totalmente contra a remuneração dos jogadores e por este motivo, as equipes do norte, nas quais, a maioria dos jogadores eram trabalhadores e viam essa remuneração com bons olhos, ameaçaram sair do campeonato e criar outra liga (PRONI, 2000).

A solução que foi tomada, uma forma de preservar os princípios éticos do esporte amador e também os princípios morais da aristocracia mas de possibilitar que trabalhadores ganhassem dinheiro com a prática esportiva, foi a profissionalização dos jogadores. Porém, ficou vetada a participação dos mesmo em comitês ou direção das equipes, devido a proibição da remuneração de dirigentes por seus serviços prestados, dessa forma os dirigentes continuavam amadores. Mas

na prática, possibilitou deixar esses cargos de diretores a pessoas da elite inglesa. Se consolidando um modelo híbrido, acrescentando valores que transformaram o espetáculo em forma de lazer das massas da sociedade urbana (PRONI, 2000, BETTI, 2020).

Dessa forma o futebol passou a ser profissionalizado, passando pelas seguintes mudanças:

“Em suma, depois da transformação do futebol, na Inglaterra, de jogo de multidões em esporte escolar civilizado, seguida da sua conversão em atividade organizada de forma crescentemente racional e burocrática, veio a sua proletarização e, com ela, o ambiente ideológico que envolveu setores das classes dominantes. Essa trajetória mostra claramente que o futebol foi se transfigurando na era moderna, sendo de diferentes naturezas os processos socioculturais que contribuem para essa transfiguração.” (PRONI , 2000, P. 30)

Entendendo um pouco como esta modalidade ganhou espaço na cultura brasileira e observando que o Futebol é uma das modalidades mais incentivadas pelos pais, clubes, prefeituras, condomínios e escolinhas é que pretendemos verificar como está ocorrendo esta iniciação, em especial, como ocorre a seleção, aprendizagem e avaliação da melhora do desempenho na iniciação esportiva. Temáticas que estaremos abordando na sequência.

3.3 - INICIAÇÃO ESPORTIVA

Como analisado anteriormente, o futebol passou por diversas transformações e ressignificações, conhecido inicialmente como “jogo das multidões” transformado no futebol moderno, tornando-se um dos grandes esportes espetáculos que possuem milhões de adeptos a telespectadores. Mudanças essas que seguiram o mesmo movimento do esporte, inicialmente praticado na escola e, em seguida, difundido como alto rendimento, e por este motivo se assemelhando em conceitos e

finalidades. Dessa forma foi necessário modificar e caracterizar o esporte praticado como lazer e na escola para possuírem objetivos, finalidades e valores próprios. (PRONI, 2000; BRACHT, 2005; BETTI, 2020)

Após as alterações no conceito do esporte através da Carta Internacional de Educação Física e Esporte que foi citado no capítulo 3.1, foi necessário dividir o esporte em três dimensões, para tratá-lo de forma coerente de acordo com suas individualidades, valores e objetivos, gerando práticas diferenciadas em cada dimensão. De acordo com Tubino (2010), após essas mudanças, o esporte passou a ser reconhecido como: Esporte-Educação, Esporte-Lazer e Esporte de Desempenho. E cada dimensão também se fragmenta em sub-divisões, sendo especificadas a seguir, de acordo com o estudo de Teixeira (p. 12, 2019):

- Esporte de Desempenho: Conhecido como Esporte de Competição e/ou Esporte Institucionalizado, aquele praticado no cenário do esporte profissional que deve obedecer a regras e códigos definidos por entidades e Federações Internacionais. Tem como objetivo a obtenção de resultados, sendo eles em forma de vitórias, recordes, projeções na mídia etc. É embasado nos princípios da superação e do desenvolvimento esportivo. Divide-se em duas formas de exercício, o Esporte de Rendimento e o Esporte de Alto Rendimento, valendo a conceituação para as duas formas de exercício.
- Esporte-Lazer: Conhecido como Esporte Popular e/ou Esporte do Tempo Livre, caracterizado pela espontaneidade, pela relação com a saúde e as regras (sendo elas oficiais, adaptadas ou até mesmo criadas). Embasa-se nos princípios da participação, do prazer e da inclusão.
- Esporte-Educação: Aquele praticado com o objetivo da formação do indivíduo e da cidadania. Essa dimensão esportiva está dividida em duas formas de exercício ao Esporte: Esporte Educacional e Esporte Escolar, sendo eles especificados da seguinte maneira:
 1. Esporte Educacional: O chamado esporte da escola, pode ser praticado, também, por crianças e adolescentes fora da escola. O

esporte educacional possibilita adaptações em suas regras, dimensões e objetivos para abordarem os princípios: da inclusão, participação, cooperação, co-educação e co-responsabilidade.

2. Esporte Escolar: O chamado esporte na escola, aquele que é praticado por jovens e crianças que possuem algum talento esportivo. O esporte escolar aborda as competições entre as escolas e entre os alunos, mas, não deve reduzir o valor da formação para a cidadania. Ele está embasado nos princípios: desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo.

Logo, é possível reconhecer que a iniciação esportiva se encontra entre as dimensões Esporte-Educação e Esporte-Lazer. É um momento de ensino e aprendizagem de alguma modalidade esportiva e também é caracterizado pela espontaneidade, relação com a saúde (incentivar a prática de uma vida mais ativa), regras e por conter os princípios de participação, prazer e inclusão (TEIXEIRA, 2019).

A iniciação esportiva é um momento de “iniciação propriamente dita”, em que, irá ser construído o conhecimento técnico e tático de uma modalidade esportiva. Logo, não é um momento de priorizar a detecção dos possíveis “talentos esportivos”, mas sim, desenvolver futuros praticantes desta modalidade (LEONARDI, 2013).

A partir desta vivência podemos estimular futuros praticantes visando o lazer, como também, alguns praticantes que se destacam e vão procurar se especializar. Desta forma, na iniciação esportiva não deve ser priorizada ou desvalorizada nenhuma das futuras metas possíveis, mas sim, buscar formar um indivíduo de forma integral que possa ter autonomia e conhecimento através da emancipação pelo esporte, possibilitando poder de escolha se vai continuar com aquele esporte no futuro (KUNZ 2001, LEONARDI, 2013).

Um aspecto importante no planejamento da iniciação esportiva é a avaliação. É utilizada como um recurso para diagnosticar o nível de habilidade e da noção tática do praticante. Além disso, o professor poderá diagnosticar possíveis erros de processamento tático ou de tomada de decisão possibilitando planejar as aulas de

acordo com as necessidades diagnosticadas na avaliação (LEONARDI, 2013; TEIXEIRA; FIGUEIREDO; RIBAS, 2019).

Porém, muitas escolinhas de iniciação esportiva não estruturam uma avaliação. Muitas vezes utilizam a participação em jogos e campeonatos como forma de avaliar a performance do grupo valorizando os de melhor desempenho. Porém, não exigem do professor realização de uma avaliação individualizada dos alunos, ou da turma, para acompanhar a evolução técnica e tática dos iniciantes.

Como consequência o processo de avaliação fica subjetivo, onde cada professor realiza, e quando a realiza, conforme sua preferência, sendo ela uma reprodução da forma que o mesmo era avaliado quando jogava na sua infância ou de alguma avaliação adotada durante seu tempo de atuação com a iniciação esportiva, muitas vezes sem fundamentação na pedagogia do esporte, fruto apenas de sua experiência. Não que seja negativa essa autonomia para o professor escolher qual avaliação irá realizar e quando, porém, ao não serem apresentados modelos de avaliações norteadores, caímos na questão da reprodução de algo que vem sendo feito ao longo do tempo, sem apresentar reflexões sobre esse método ou alternativas.

Um exemplo dessas situações são os professores que utilizam como único método de avaliação o desempenho nos jogos, no qual, muitas vezes, se consegue a vitória está tudo certo ou se perde está tudo errado, sem analisar as possíveis melhoras no comportamento técnico e tático que a equipe vem desenvolvendo. Leonardi (2013) aponta que um dos motivos pela escassez de métodos de avaliação na iniciação esportiva é a falta de conhecimentos teóricos sobre avaliação em educação, ou então que essa teoria irá limitar a autonomia do professor no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a definição das dimensões do esporte, Tubino (2010) argumenta que é possível interpretar que ainda está enraizado na nossa cultura um tratamento da iniciação esportiva de forma subordinada ao esporte de rendimento. Segundo Betti (2020), ainda é utilizado o modelo piramidal como uma linha cronológica de como será praticado o esporte conforme apresentado na Figura 2. Nesse modelo existe uma hierarquia, onde o esporte de alto rendimento é o ápice e

a iniciação esportiva se encontra na base dessa pirâmide junto com a educação física escolar.

Figura 2 - Modelo Piramidal



Fonte: Betti (2020) pg 75

Por este motivo, há uma grande influência do esporte de rendimento na prática, no processo ensino aprendizagem e na avaliação de uma modalidade esportiva, reforçando o estereótipo de que a iniciação esportiva é para crianças e adolescentes. Assim, a partir de uma determinada idade a pessoa não se encontra mais nessa dimensão. Entretanto, se a pessoa está iniciando uma modalidade esportiva na vida adulta, onde ela se encaixaria, quais seriam suas necessidades e como seria a finalidade nesse processo de iniciação?

De fato, ao iniciar alguma modalidade esportiva já na fase adulta, o praticante terá pulado algumas etapas como o desenvolvimento de habilidades respeitando as fases cognitiva, associativa e autônoma (TANI, 2000; JARDIM, 2015). Isto ocorrendo, podemos identificar possíveis defasagens no desenvolvimento da coordenação motora, importante para o desempenho na modalidade esportiva específica.

Também devemos considerar que ao iniciar a prática de alguma modalidade esportiva na fase adulta, existe a dificuldade de o praticante estar em um estágio maduro do desenvolvimento motor e nesse estágio é difícil alterar alguma ação motora pois uma habilidade adquirida que se encontra em um nível avançado já se encontra automatizada, ou seja, de forma inconsciente, e para realizar essas

alterações, tal ação deve regredir para o nível consciente para depois ser modificada. Entretanto, por mais que os períodos iniciais de aprendizagens sejam mais suscetíveis, isso não impede a aprendizagem motora em outros períodos da vida, como na iniciação esportiva tardia (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010).

Devemos compreender que o objetivo de um iniciante nem sempre é chegar no alto rendimento, mas sim aprender sobre aquela determinada modalidade, como exemplo um adulto que começa a nadar, o seu objetivo não é se tornar um profissional, mas sim melhorar sua relação com a água de forma que se sinta mais confortável no meio aquático tanto para sua sobrevivência quanto para melhorar sua autonomia na prática por lazer.

Da mesma forma no ensino de modalidades esportivas coletivas de invasão, que muitas vezes apresentam semelhanças nas ações táticas, não podemos excluí-las ou ignorar suas experiências anteriores, às vezes adquiridas de outra modalidade esportiva, como exemplo no futebol no qual o praticante deseja melhorar seu desempenho nos jogos com os amigos. Devemos compreender que o acúmulo de competências pode facilitar o aprendizado de habilidades por

[...] meio de métodos de ensino, vivência, aprendizagem e procedimentos pedagógicos adequados, sendo aproveitada a conclusão dos estágios de maturação da idade adulta e melhor condição de compreensão [...] (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010, p. 6)

Ou seja, por mais que existam pontos negativos no processo da aprendizagem motora tardia, um praticante adulto pode se encontrar em um melhor nível de compreensão de elementos táticos e das necessidades das técnicas nessas situações. Nessas situações o objetivo não é refinar os fundamentos, mas melhorar as tomadas de decisões durante o jogo, sendo que, por vezes a ação não é realizada de forma perfeita esteticamente, mas se melhora a eficiência daquela ação no jogo está sendo alcançado o objetivo.

Outra consequência que é reforçada através do modelo piramidal é que toda pessoa que inicia uma modalidade esportiva possui como objetivo chegar no esporte de alto rendimento, desconsiderando as dimensões educacionais e de lazer, sendo assim, surgem muitos casos de especialização precoce, violação de regras,

desvalorização da ética e espírito esportivo, perda da ludicidade, surgimento de obrigações, “malas pretas”, *dopings* entre outros (FERREIRA; RAMOS, 2010; SILVA; SILVA; PAOLI, 2011; LEONARDI, 2013). Ignorando os valores éticos e morais do esporte, como o *far play*, cooperação, etc. reproduzindo valores de vencer a qualquer custo, passando por cima de outras pessoas e regras, aumentando número de casos de atletas que estão nas grandes mídias em situações semelhantes. Ignorando totalmente que o esporte é um meio para a formação de cidadãos, aprender a viver em sociedade através da cooperação e solidariedade.

Betti (2020) traz como alternativa o modelo de subsistemas, em que, não há uma subordinação de uma dimensão do esporte em relação a outras, que não necessita uma hierarquização e hipervalorização/desvalorização na prática esportiva e suas finalidades. Nesta perspectiva o esporte educacional ou de lazer não necessita ser a base da pirâmide e ser subordinado ao esporte de rendimento e esse ser o ápice de todas as dimensões esportivas. O autor defende que cada prática dialoga com as outras, possibilitando estarem interligadas e se condicionam mutuamente, em que uma não é mais importante que as outras, tendo uma relação horizontal e não vertical, possibilitando resguardar a autonomia e objetivos de cada prática esportiva (de acordo com a especificidade e finalidade individual de cada) e atingir segmentos sociais diferentes e objetivos diferentes.

Figura 3- Modelo de Subsistemas de Mauro Betti



Fonte: Betti 2020, p. 77

Logo, como a iniciação esportiva pode acontecer em diferentes etapas da vida, diferentes idades, destaca-se a importância de saber identificar as necessidades específicas e finalidades da prática esportiva para cada nível de aprendizado que o aluno ou turma de iniciação se encontra. Assumindo que nem sempre o alto rendimento é buscado pela maioria, as aulas de iniciação esportiva devem ser priorizadas para essa minoria (que busca o alto rendimento) ou para a maioria que busca começar e aprender sobre o esporte? Essa questão deve estar muito clara, para entendermos como será embasado o processo de ensino aprendizagem e as sequência de ensino. Ao esclarecer que o público alvo é a maioria dos alunos, aqueles que estão buscando aprender e melhorar seu jogo, o ponto de partida não é o refinamento de algumas habilidades específicas através da especialização precoce, mas sim melhorar o entendimento do jogo como um todo, aprendendo não só aspectos técnicos, mas táticos éticos e morais (KUNZ, 2001; FERREIRA; RAMOS, 2010; PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI, 2013.)

Pensando que o objetivo nesse processo de ensino aprendizagem é melhorar o jogo como um todo, deve-se estimular o desenvolvimento do senso crítico do jogo,

ou seja, melhorar as tomadas de decisões durante o jogo, ao invés de aperfeiçoar/refinar uma habilidade específica de forma isolada, priorizando os processos cognitivos de percepção, a atenção e concentração no jogo, a antecipação de certos movimentos ou jogadas, a memória, o pensamento tático e a inteligência tática. Principalmente ao olhar sob a perspectiva da praxiologia motriz, em que, ao analisar a lógica interna do jogo, quase sempre haverá uma relação de oposição ao executar uma ação, ou seja, dificilmente executar um fundamento de finalização de maneira isolada será semelhante a realizar uma finalização com um adversário entre a bola e o gol. De acordo com González e Bracht (2012):

Para se dar bem em modalidades deste tipo, não basta só saber chutar ao gol, jogar a bola para o outro lado da quadra, correr de uma base à outra ou aplicar um golpe. É claro que essas ações são fundamentais para fazer um gol numa partida de futebol ou marcar ponto no tênis, beisebol ou judô, mas é preciso se dar conta de que, nos esportes com interação os adversários estarão, ao mesmo tempo, tentando fazer a mesma coisa. É por isso que a maior preocupação de um atleta e da equipe durante uma partida ou provas nessas modalidades é escolher/decidir em cada lance um jeito de agir (uma tática) que esteja sempre “ligado” às ações de ataque e defesa do adversário. (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.24)

Entretanto, há entre os professores uma certa resistência sobre o processo de ensino e aprendizagem dos elementos táticos de uma modalidade esportiva, em que, muitos professores têm uma noção equivocada sobre o que é tática. Segundo Castro et al. (2015) o próprio comportamento do praticante e suas ações é um comportamento tático, pois envolve ações intencionais para atingir objetivos dentro de um determinado contexto da modalidade esportiva. Teixeira, Figueiredo e Ribas. (2019) argumenta na mesma linha, relatando que essa resistência dos treinadores de iniciação esportiva sobre o aprendizado de elementos táticos do jogo ocorre por uma percepção equivocada sobre o que é a tática, pensando que é algo muito complexo para ser ensinado no período da iniciação esportiva, levando a pensar que é o posicionamento defensivo ou ofensivo de uma equipe, o famoso 4-4-2 ou 3-4-3 (no caso do futebol) etc.

González e Bracht, definem a ação tática como: "...compreender a atuação esportiva individual (mesmo num esporte coletivo) em toda sua amplitude." (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 34). Ou seja, é um conjunto de ações ofensivas para alcançar o objetivo (exemplo de realizar um passe para um companheiro uma chance melhor de realizar o gol) ou um conjunto de ações para dificultar o adversário a alcançar o objetivo (exemplo de se colocar entre a bola e o gol), através de ações sociomotrizes, encontrando a melhor forma de se organizar taticamente através da cooperação entre os companheiros da mesma equipe, para ter uma relação mais efetiva de oposição contra os adversários em diferentes situações do jogo.

Deste modo, devemos considerar que toda ação de um praticante em um esporte coletivo é um comportamento tático pois "... toda ação esportiva é um processo intencional dirigido e regulado psiquicamente." (CASTRO et al., 2015, p. 621). Em outras palavras, nos esportes coletivos para um praticante realizar alguma ação técnica (habilidade ou fundamento) ele realiza uma ação dupla, sendo ela motora e cognitiva, pois ele resolve uma situação problema através das tomadas de decisões, levando em conta sua percepção em relação ao ambiente, e segundo os autores essa solução de problemas e tomadas de decisões são realizadas através do conhecimento tático processual.

Já Leonardi (2013) aponta que as ações táticas, através das tomadas de decisões, vêm a um bom tempo sendo discutidas através das perguntas "O que fazer? e Como fazer?". Porém, com as transformações do futebol moderno, como a velocidade do jogo ser mais rápida atualmente, melhorias nos sistemas ofensivos e defensivos das equipes surgiu a necessidade de responder uma nova pergunta: "Quando fazer? ". Para entender um pouco melhor, vale exemplificar em situações:

- a) "O que fazer? " - Qual ação deve ser realizada para atingir o objetivo, um exemplo é uma situação em que um jogador está com a posse de bola entrando na área adversária, ele deve escolher se deve passar a bola, driblar ou finalizar;
- b) "Como fazer" - qual será o movimento realizado para executar a ação escolhida, um exemplo é o gol que o Ronaldo fez na copa de 2002 contra a Turquia na semifinal, se for analisado com um olhar tecnicista não seria um movimento considerado correto, por ser um chute de bico comparado há um

chute de chapa ou peito de pé, mas se olharmos através da ação tática, foi um recurso utilizado para conseguir finalizar de forma eficiente;

- c) “Quando fazer”- em que momento, a ação escolhida junto com o movimento escolhido será executado, continuando com o exemplo do gol do Ronaldo contra a Turquia, caso ele esperasse mais alguns segundos os adversários poderiam roubar a bola, pois vinham dois adversários atrás dele, ou então, o chute só passou pelo marcador porque que ele chutou quando o adversário realizou uma passada lateral e abriu o ângulo para o chute.

Resumindo, um chute que é muito questionado no ensino do futebol nas escolinhas, por não ser um dos fundamentos tradicionais, foi um chute que nos levou a uma final de Copa do Mundo, pois analisando todo o contexto foi a melhor ação naquele momento, o melhor movimento no melhor espaço tempo possível, por ser um chute rápido. Dessa forma, o aluno conseguindo responder essas questões de forma autônoma durante o jogo, possibilitará ele realizar as melhores tomadas de decisões no jogo.

Sendo assim, surge a curiosidade de analisar quais são as avaliações ou métodos de avaliação que utilizam a tomada de decisão como principal critério de avaliação. Sendo assim, a ação tática, ou o princípio tático da ação que será avaliado no jogo.

3.4 – Avaliação na iniciação esportiva do futebol

A realização de avaliações no processo de ensino aprendizagem é de suma importância, possibilitando o professor investigar como está o nível de conhecimento dos alunos de maneira individual, identificando se existe algum aluno com dificuldades; e coletiva, analisando como a turma está respondendo em relação aos conteúdos ministrados nas aulas. Tais resultados são dados importantes para o professor sobre sua prática e ensino, para o mesmo diagnosticar se deve realizar

adaptações ou seguir com seu planejamento (LEONARDI, 2013; TEIXEIRA; FIGUEIREDO; RIBAS, 2019).

Primeiramente, deve estar claro o que é avaliação. De acordo com Leonardi (2013) a avaliação é uma ferramenta de coleta de dados, sistematizada, que possibilita analisar se houve mudanças, quais foram as mudanças e o nível das mudanças nos alunos durante o período analisado. Em última instância verificar se conseguiram alcançar os objetivos estipulados anteriormente ou identificar quais são as dificuldades encontradas para o aluno progredir no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Leonardi (2013) às avaliações podem ser formais e informais e são classificadas em três categorias:

- a) Diagnóstica - com o objetivo de verificar o nível de conhecimento dos alunos no início do processo de ensino-aprendizagem e identificar o ponto de partida dos conteúdos;
- b) Formativa - com o objetivo de verificar a existência de dificuldades do aluno para progredir na aprendizagem, possibilitando feedbacks para o professor e aluno durante o processo de ensino;
- c) Somativa - identificar quais os objetivos e padrões esperados foram alcançados, em que, geralmente é a mais utilizada na educação, considerada uma avaliação tradicional por atribuir notas.

De acordo com González e Bracht (2012) as avaliações somativas geralmente são as que ganham mais destaque, pois estão relacionadas a atribuição de notas, no entanto, não são as mais importantes no processo de ensino-aprendizagem.

Porém, ao realizar essa revisão de literatura, notou-se uma lacuna grande em relação à avaliação na área da iniciação esportiva, não apenas do futebol, mas em geral a todas as modalidades esportivas. Rodrigues et al (2016) indicam que a forma de análise que vem sendo utilizada entre os professores/treinadores é através do instinto, formato que vem sendo reproduzido através de décadas, não apresentando nenhum tipo de estratégia científica ou forma sistematizada.

Essa reprodução continua acontecendo, pois de acordo com Paoli; Silva; Soares (2008, p. 39) “Apesar de o futebol ter evoluído de forma significativa, ainda não foi possível, pelo nosso saber, encontrar um processo de seleção eficaz...” Infelizmente, tal constatação acaba acarretando na falta de critérios, continuando a reprodução de análises subjetivas através da observação dos jogos, aumentando a chance de tirar conclusões equivocadas.

A maior parte das publicações sobre avaliações na área, na iniciação esportiva, são com base nas capacidades físicas como aeróbica, anaeróbica, velocidade, força, velocidade de reação, nutricional, etc. (OLIVEIRA et al. 2012). Entretanto, alguns estudos mostram que os alunos que estão aprendendo o futebol na iniciação esportiva, principalmente aqueles com idades menores que 10 anos, apenas à prática do futebol não é suficiente para obter resultados significativos na potencialização do desenvolvimento motor. Logo, utilizar a iniciação esportiva do futebol com esse objetivo específico, não é tão indicado, e dessa forma a utilização de avaliações físicas nessa idade também não são recomendadas (SILVA; CARVALHO; SANTANA, 2015)

De acordo com Leonardi (2013) a maior parte dessas avaliações, por terem influência do alto rendimento, são com objetivos de mensurar a carga de treino, avaliações quantitativas de ações no jogo, em que a maioria não possui como objetivo avaliar o nível de conhecimento de jogo e de seu desenvolvimento.

Em continuidade, Leonardi (2013) aponta que utilizar outros métodos de avaliação é dificultado pelo nível de conhecimento conceitual em avaliação apresentado pelos professores de iniciação esportiva. Outro motivo são as aulas ainda serem embasadas pelo método tradicional, o ensino analítico, realizado de maneira isolada e descontextualizada contribui para a reprodução de avaliações embasadas no esporte de alto rendimento ou de avaliações através de testes de habilidades, tendo como predominância a avaliação somativa. Entretanto, o autor levanta a reflexão que a avaliação formativa pode transformar o cenário do ensino do esporte, possibilitando utilizar outros métodos de ensino que priorizam o aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem através da participação e experiência por meio do jogo, apresentando as lógicas internas, contribui para a construção do conhecimento processual contextualizado.

Desta forma, foi priorizado nessa pesquisa avaliações que podem ter relação com o ensino do futebol, considerando elementos que possam ser avaliados para analisar o desenvolvimento do saber jogar de alunos de iniciação esportiva de futebol. Portanto, será priorizada a lógica interna (considerando que há relação de oposição e cooperação) e ações táticas da modalidade do futebol para analisar os métodos de avaliação na iniciação esportiva, conforme proposto por (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI, 2013; GRECO ET AL, 2015).

González e Bracht (2012) relatam que uma maneira simples de realizar uma ferramenta de avaliação é através da criação de um *check list*, montando uma tabela com os aspectos que serão avaliados, por meio de marcações (“ok”, “x”) em relação ao comportamento do aluno, se foi realizado a ação esperada ou não. Esse método é uma ferramenta de contestação, e será exemplificada através da seguinte tabela:

Tabela 1 - Avaliação de desempenho técnico tático individual *check in*

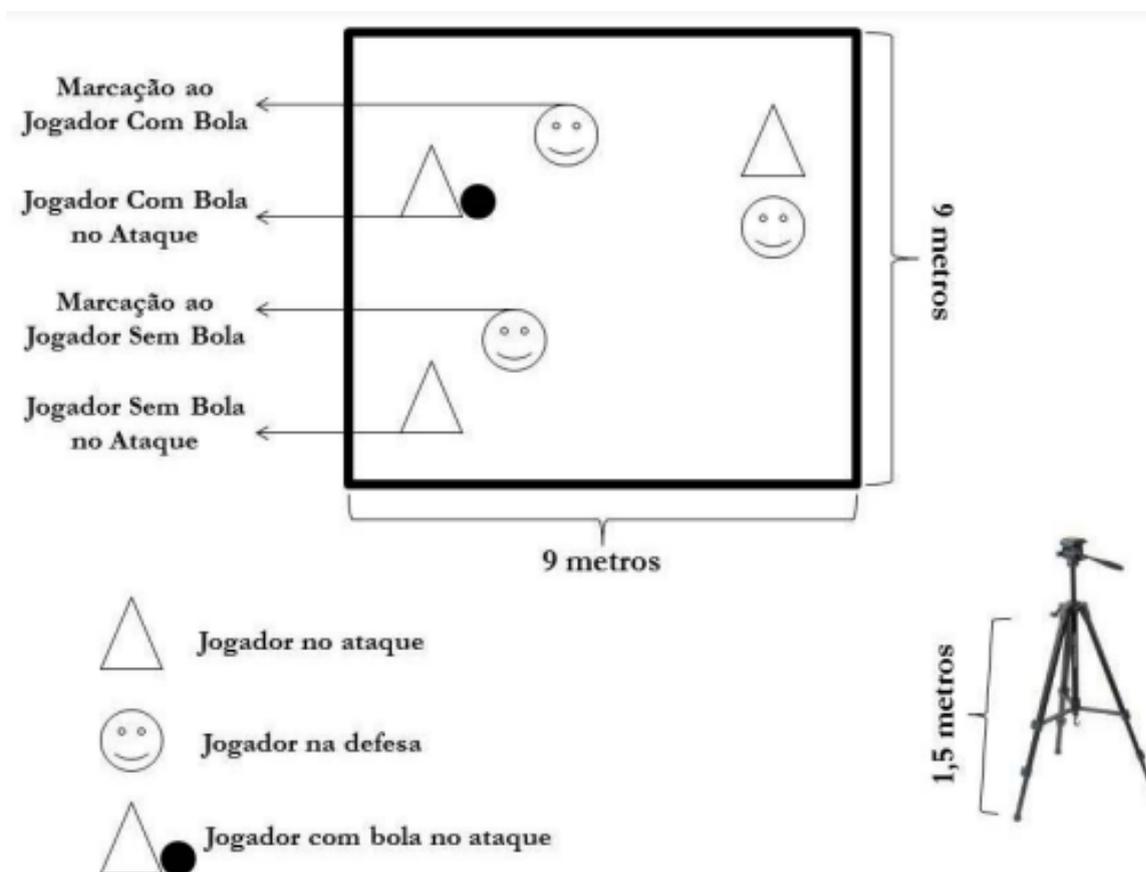
Intenção técnica-tática	Sim ou Não, (Ok)	Descrição da ação quando não é realizada da maneira esperada
Atacante com a bola (ACB)	-	-
Olha para o gol antes de agir		
Procura jogar com os colegas		
Protege a bola		
Passa a bola para colegas em melhores condições.		
Passa a bola e cria linha de passe		
Escolhe uma distância adequada para o chute		
Chuta quando está livre		
Atacante sem bola (ASB)	-	-
Cria linha de passe		
Se desmarca		
Pede bola quando livre		
Marcador do ACB	-	-
“Cuida” de seu atacante		
Se posiciona entre o ataque e o gol		
Marcador do ASB		
Defende seu atacante direto (não segue a bola)		
Mantém contato visual entre seu ACS e ACB		

Fonte: Adaptado através de González e Bracht (2012, p.100)

González e Bracht (2012) demonstram como exemplo da aplicação desta avaliação realizada no basquete, porém destacam que há possibilidade de adaptar os itens da avaliação de acordo com objetivos estabelecidos pelo professor. Esta adaptação pode ocorrer focando na análise técnica ou tática. Sendo assim, nota-se uma flexibilização no método, atribuindo autonomia para o professor de acordo com seu contexto do ambiente e da turma para a aplicação da avaliação e a modalidade.

Greco et al. (2015) relataram um método de avaliação do comportamento tático processual em mini jogos de 3x3 sem finalização, em que, foi mensurado a frequência dos comportamentos dos participantes da avaliação. Neste estudo participaram 100 crianças, sendo 56 meninos e 44 meninas, com idades de 8 a 14 anos. Essas crianças eram alunas de escolinhas de futebol na rede pública e privada. Para a realização desse teste foi determinado um espaço de 9x9 metros, para ser realizado um jogo de 4 minutos de duração. O cenário da avaliação é representado pela Figura 4 a seguir:

Figura 4 - Avaliação do Conhecimento Tático Processual



Fonte: Castro et al, 2015 p. 623.

O principal objetivo dos participantes era realizar a manutenção da bola (quando estava com a posse de bola) e roubá-la (quando a equipe adversária estava com a posse de bola). Todos os testes foram filmados para serem analisados posteriormente e contabilizada cada ação individual. Foram determinadas quatro situações no teste para classificar qual era as ações dos participantes:

1-) Ações Técnicos-Táticas no ataque - MSB (Marcador Sem Bola).

- Movimentar-se procurando receber a bola.
- Movimentar-se sem intenção de procurar receber a bola.
- Procurar espaços livres executando deslocamentos sem mudança de direção e velocidade.
- Procurar espaços livres executando deslocamentos com mudança de direção e velocidade.

2-) Ações Técnicos-Táticas no ataque - ACB (Atacante Com Bola). –

- Proteger a bola com a intenção de não perder a posse de ou para realizar um passe.
- Conduz a bola controlando-a (fazendo ou não a finta) com a intenção de executar um passe.
- Passa ao colega sem marcação e posiciona-se para receber de volta.
- Passa ao colega com marcação e posiciona-se para receber de volta.

3-) Ações Técnicos-Táticas na defesa - DASB (Defensor do Atacante Sem Bola).

- Acompanha os deslocamentos do adversário que tenta se desmarcar.
- Desloca-se para interceptar ou antecipar um passe.
- Apoia os colegas na defesa (cobertura) quando são superados pelo adversário.
- Apoia os colegas na defesa quando o jogador com bola tem dificuldade para dominá-la.

4- Ações Técnicos-Táticas na defesa - DACB (Defensor do Atacante Com Bola).

- Marca à distância mantendo o controle visual do jogador com bola.
- Pressionar o adversário e acompanhar seus deslocamentos.

- Pressionar o adversário tentando tirar a bola ou induzindo ao erro.
- Pressionar o adversário levando-o para os cantos do campo de jogo.

Após analisar o comportamento de cada aluno é atribuída uma nota de 0 a 5 para o item proposto. Possibilitando assim, identificar quais ações os alunos possuem mais dificuldades. Segundo Leonardi (2013), ao analisar o seguinte método avaliativo, o objetivo é analisar a criação de linha de passes, desmarcação dos adversários e reconhecer os espaços.

Porém, de acordo com Leonardi (2013) esse método, se for utilizado apenas para atribuir uma nota aos alunos, acaba se tornando um fim para ela mesmo, se caracterizando como uma avaliação somativa, ou tradicional como as realizadas nas escolas para atribuir nota aos alunos.

Sua aplicação é de maneira fácil, possuindo regras simples, necessitando poucos materiais e pode ser aplicado por um único avaliador. Entretanto, para a aplicação desse método, há necessidade de treinamento prévio dos avaliadores em relação a sua aplicação, deve ser aplicado com um número pequeno de alunos, visto que, ao realizar com um grupo grande de alunos pode ser demorado e desmotivante por não conter um alvo estabelecido (gol).

Outro método de avaliação é o *Game Performance Instrument* (GPAI), uma ferramenta desenvolvida com o objetivo de possibilitar aos professores de iniciação esportiva mensurar a performance do comportamento dos alunos durante o jogo, através de soluções de problemas táticos encontrados no jogo. As principais características são a flexibilidade de aplicação, possibilitando adaptar a quantidade de elementos avaliados e a especificação de cada uma. Essa avaliação analisa o aluno quando está com a posse de bola e sem posse de bola, variando também como é realizada a observação, através de vídeo ou ao vivo (LEONARDI, 2013). Seus elementos, chamados de categorias no estudo, são:

Tabela 2 - Avaliação Game Performance Instrument

Categoria	Descrição
1-) Retorno ao próprio campo	O retorno apropriado do aluno ao seu campo para proteger o gol, ou tentativa de recuperação da bola
2-) Ajuste	Movimentação ofensiva e defensiva, de acordo com a demanda do jogo.
3-) Tomada de decisão	As escolhas realizadas pelo aluno, em relação ao o que fazer com a bola durante o jogo
4-) Execução da habilidade	Desempenho na realização da habilidade escolhida
5-) Ação de apoio	Movimentação sem a posse de bola para receber a bola.
6-) Cobertura	Apoio defensivo em relação ao adversário com posse de bola, ou que está se colocando como opção para recebê-la
7-) Marcação	Defender um adversário que esteja com a posse de bola ou não.

Fonte: Adaptado do trabalho de LEONARDI, P.87, 2013

A partir dessas categorias é possível calcular:

- 1) A participação e o nível de envolvimento no jogo do aluno de acordo com: a soma de respostas adequadas, o número de habilidades executadas de forma eficientes e o número de tomadas de decisões de maneira inadequada;
- 2) Índice de tomada de decisão (DMI), através da divisão do número de tomadas de decisões adequadas pelo número de tomadas de decisões inapropriadas;

- 3) Índice de eficiência da execução das habilidades (SEI), através da fração do número de execução eficientes das habilidades pelo número de execuções ineficientes das habilidades;
- 4) Índice de apoio (SI), através da divisão do número de movimentos de apoio adequados pelo número de apoios inadequados;
- 5) A performance do nível de jogo do aluno, sai através da seguinte fórmula:
 $(DMI + SEI + SI) / 3$.

Leonardi (2013) enfatiza a flexibilidade de aplicação da avaliação, pelo motivo de possibilitar os alunos participarem do processo avaliativo também, favorecendo na compreensão dos alunos sobre a sua performance, pelo fato de proporcionar adaptação na análise das categorias, hora simplificando ou então aprofundando nos conceitos avaliados. Dessa forma, tanto o professor quanto os alunos podem realizar essa avaliação, permitindo realizar a avaliação de um colega ou então na forma de auto-avaliação. Finalizando esse método de avaliação, o autor destaca que essas possibilidades de o aluno participar no processo avaliativo, auxilia na obtenção de feedbacks, se alinhando ao formato de avaliação formativa.

O próximo método avaliativo é o *Team Sport Assessment Procedure* (TSAP), tendo como objetivo proporcionar um olhar formativo em relação aos resultados somativos e ao ambiente de jogo. Nesse método também é realizado o cálculo de índices de performance, através da quantificação das seguintes ações durante o jogo segundo Leonardi (2013):

- 1) Conquista de bola (CB), ação que o aluno executa para ganhar a posse de bola, através da interceptação de algum passe, roubo de bola ou recuperação após uma finalização do adversário (rebote);
- 2) Recepção de bola (RB), recepção de passe de um companheiro sem perder o domínio da bola;
- 3) Realização de um passe neutro (*playing a neutral*, NB), o aluno realiza um passe para um companheiro desmarcado, não correndo o risco de perder a posse da bola;

- 4) Perda da posse de bola (*losing the ball*, LB), quando o aluno tem a posse de bola roubada por algum adversário, porém, sem ser realizado um gol na sequência;
- 5) Bola ofensiva (OB), quando o aluno realiza um passe enquanto está sob pressão do adversário, para um companheiro em condição de realizar o gol (possibilidade de assistência);
- 6) Finalização bem-sucedida (SS), quando o aluno realiza uma finalização que resulta em um gol, ou então, que a posse de bola não passa para a equipe adversária, continuando com a sua equipe.

Vale destacar que as duas primeiras ações avaliadas são em relação como o aluno passa a ter a posse de bola e as outras quatro ações são em relação ao que o aluno realiza com a posse de bola. Através dessas ações é possível mensurar o número de bolas atacadas (*attack balls*, AB) através da soma do número de bolas ofensivas e finalizações bem sucedidas ($AB = OB + SS$). Em resumo, é resultado do número de assistências e de finalizações no gol, resultando a participação de forma efetiva do aluno.

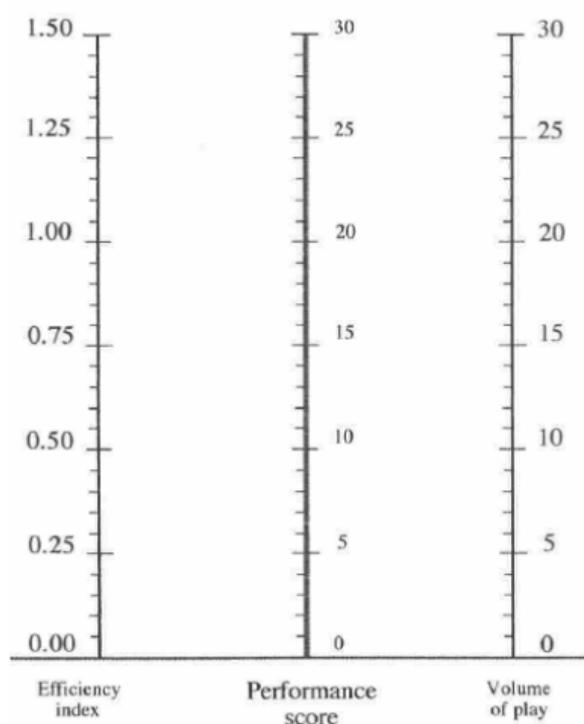
Outro índice possível de calcular pelas ações observadas é o volume de jogo (*played balls*, PB) através da soma de todas as ações que o aluno ganhou a posse de bola, resultando da seguinte conta: $PB = CB + RB$. E o último índice calculado é de eficiência, que é possível calcular por duas fórmulas: $(CB + AB) / (10 + LB)$ ou então por $(CB + OB + SS) / (10 + LB)$.

Leonardi (2013) enfatiza que as regras propostas no jogo, número de jogadores, tempo de duração e tamanho do campo podem influenciar nos resultados desse método, destacando a importância de repetir as mesmas circunstâncias em uma futura avaliação quando for de objetivo de comparação para obter dados de mudanças no conhecimento do jogo.

Em todo caso, através desses resultados é possível criar três escalas em um nomograma, contendo o índice de eficiência, índice de volume de jogo e índice de performance de jogo. Para obter equalização dos pesos das escalas, é realizada a seguinte fórmula: $(\text{índice de frequência} * 10) + (\text{volume de jogo} / 2)$ ou então, é possível identificar o nível de performance do aluno localizando nas escalas laterais

(direita e esquerda) os resultados obtidos na avaliação e traçar uma linha reta ligando os dois resultados nas escalas, e o local que a linha cortar a escala central é o valor da fórmula citada anteriormente.

Figura 5 - Nomograma de avaliação da performance



Fonte: Adaptado por LEONARDI, P.90, 2013

Ao comparar com o método GPAI, esse método não enfatiza as outras tomadas de decisões com exceção das ações que o aluno está com a posse de bola e algumas ações que o aluno está sem a posse de bola, como exemplo o método não considera ações de apoio defensivo ou na criação de linhas de passe. Porém, Leonardi (2013) destaca a facilidade na realização da avaliação, que pode ser aplicada pelo professor ou pelos alunos, agregando no processo de ensino-aprendizagem, não necessitando parar a avaliação para aplicá-lo. É defendido o uso do método com caráter de avaliação formativa e a possibilidade realizar com o intuito de avaliação somativa, porém é enfatizado o uso do método com o intuito formativo através de discussões com os alunos para reduzir a perda da posse de bola, diminuir o número de jogadas passiva (bolas neutras) e como alternativa para otimizar os pontos fortes de cada aluno e melhorar o crescimento da

equipe em geral. Através do estímulo para que os alunos reflitam sobre suas ações de erros e acertos, melhorando a compreensão tática do jogo.

Outra alternativa de avaliação é chamada “Forma de avaliação básica de jogo”, através de registros das performances de cada aluno durante o jogo por meio de escalas de apreciação sobre o nível de obtenção dos objetivos estabelecidos. Essa análise é realizada através da seguinte ficha de avaliação:

Tabela 3 - Avaliação Básica de Jogo

Aluno durante ação ofensiva	Sempre	Nem sempre	Raramente	Nunca
Mantém a posse de bola, mantendo contato visual entre passador e receptor.				
Adquire mais tempo de tomada de decisão quando para a bola				
Mantém a posse de bola e vira em direção ao gol				
Cria situação de vantagem ao passar a bola e se movimentar em direção ao gol				
Realiza ação ofensiva individual em direção ao gol quando desmarcado				
Escolhe um posicionamento com base nas posições de ataque				

Fonte: Adaptado de Leonardi (2013, p. 920.)

Novamente vale ressaltar a importância do conhecimento conceitual de avaliações, para ao realizar as aplicações das avaliações considerar seu potencial educativo e formativo, não realizando apenas por realizar ou então como único meio a atribuição de notas, como criticado neste estudo na reprodução da avaliação tradicional. Sendo assim, a avaliação deve auxiliar o aluno e o professor no processo de ensino-aprendizagem, contendo uma caráter formativo e possibilitando feedbacks durante o processo dos quesitos que necessitam maior enfoque e dedicação do aluno, para construir o conhecimento e contribuir para o desenvolvimento integral do aluno.

4. METODOLOGIA

A metodologia adotada é a abordagem qualitativa de pesquisa, em que, de acordo com Triviños (1987) a abordagem qualitativa de pesquisa não se preocupa com as causas e consequências, mas sim com as características dos fenômenos sociais.

Bogdan e Biklen (1994) argumentam que os dados obtidos através deste tipo de pesquisa são ricos em descrições, mesmo considerando que o pesquisador é quem cria e escolhe as perguntas da pesquisa a serem investigadas, o objetivo da pesquisa não é responder alguma pergunta específica, mas sim a sua compreensão através da visão de mundo dos sujeitos entrevistados.

Essa abordagem qualitativa se caracterizou como exploratória, pois, de acordo com Triviños (1987) toma como base uma questão norteadora, possibilitando ao investigador aprofundar em uma realidade específica, como meio de aumentar o corpo de conhecimento na área investigada.

No estudo exploratório o pesquisador possui como objetivo encontrar elementos necessários que muitas vezes, podem ser escassos em determinada área. Possibilitando levantar novas questões, sendo assim é exigido um

planejamento mais flexível em relação a outros estudos, possibilitando a interpretação de maneira mais aprofundada nos problemas encontrados durante a realização da pesquisa.

4.1 Participantes

Em relação aos participantes, a ideia inicial era de alcançar 15 profissionais da área, de diversos lugares e contextos, dispostos a participar da pesquisa. Foram convidados 25 pessoas, das quais 64% aceitaram e concluíram a pesquisa. Contendo como amostra 16 professores. Tais professores assinaram o Termo de Consentimento, conforme Anexo(a), aceitando participar do estudo.

Esses convidados foram escolhidos de acordo com base na sua atuação profissional, atual ou anterior, exclusivamente em iniciação esportiva do futebol. Para uma melhor disposição dos dados, visou-se convidar pessoas de nichos diferentes, diferentes escolinhas, idades variadas e múltiplas cidades. Variando aulas de iniciação esportiva de futebol em escolinhas de futebol, em escolas e condomínios; cidades como Bauru, Ribeirão Preto, São Paulo, São José dos Campos e Sorocaba; variando o tempo de atuação e ano de formação dos participantes.

4.2 Procedimentos

Foi elaborado um questionário pela plataforma Google Forms contendo perguntas abertas, perguntas fechadas e caixas de seleção, com o intuito de extrair informações de formas variadas sobre a iniciação do futebol e contemplando um público maior com os questionamentos. A duração de preenchimento do questionário foi livre, mas o tempo previsto para sua conclusão foi de 15 a 30

minutos. E o prazo para o seu recebimento foi de um mês e meio, finalizando em 10 de novembro de 2021. Ele encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://forms.gle/TsnMMYgk9zXvhdj69>.

O formulário foi desenvolvido como uma ferramenta alternativa, devido ao contexto atual da pandemia do Covid-19, como forma de respeitar os protocolos de segurança estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O questionário foi dividido em quatro seções:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A)
- Seção 2 - Informações gerais sobre os profissionais, seus alunos, ambiente de atuação e sobre sua prática profissional. Nesta seção, encontra-se a pergunta chave para o direcionamento da análise, que é “Você realiza algum tipo de avaliação com seus alunos?” (Anexo B)
- Seção 3 - Questionamentos sobre a realização de avaliações, suas formas e como são utilizadas. Esta seção é exclusiva dos participantes que responderam sim à pergunta anterior por destinar-se apenas aos profissionais que realizam algum tipo de avaliação em suas práticas. (Anexo C)
- Seção 4 - Área aberta destinada a entender os fatores que levam a não realização de avaliação, e partindo dessa perspectiva como é observado o desenvolvimento dos alunos. Esta seção é exclusiva dos participantes que responderam não à pergunta anterior para um melhor entendimento e inclusão desses convidados.(Anexo D)

4.3 Análise dos dados

De acordo com Minayo (2002) o processo de análise de dados possui como objetivo determinar uma compreensão dos dados obtidos, podendo confirmar, ou não, as hipóteses estabelecidas da pesquisa, responder às questões levantadas e

ampliar o conhecimento na área pesquisada, de acordo com o contexto cultural em que faz parte.

Dessa forma, foi estabelecido a criação de categorias de análises, em que, de acordo com Minayo (2002) possibilita destacar aqueles aspectos que possuem semelhanças em suas características e que se relacionam. A autora destaca que as categorias podem ser definidas antes, durante ou depois ao trabalho de campo, entretanto ela destaca que ao formular as categorias antes do processo de coleta de dados os conceitos são de caráter mais gerais e abstratos.

Após a realização da coleta, os dados foram organizados em tabelas e gráficos, de acordo com as questões realizadas no formulário, exportadas para uma planilha no google drive, possibilitando comparar todas as respostas na íntegra. Em seguida, foi realizada a comparação das respostas, de acordo com suas principais semelhanças e diferenças para realizar as categorias de análise. Para auxiliar na análise, foi realizado um mapeamento e entrecruzamento entre as respostas dos entrevistados, de acordo com os aspectos avaliativos do processo de ensino-aprendizagem da iniciação esportiva de futebol e discutidos com a literatura.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação às características dos participantes, a maioria é do sexo masculino, sendo apenas 1 mulher que respondeu às questões. Tal fato demonstra que esta é uma área ainda dominada pelo sexo masculino, porém, este quadro vem mudando nos últimos anos o que provavelmente também possibilitará o aumento da presença da mulher ministrando aulas de iniciação do futebol. Porém, segundo Goellner (2005) a masculinização do esporte, em especial, o futebol, é uma visão que atravessa décadas e necessita ser desconstruída.

Em relação à idade, 31,5% dos participantes possuem menos que 25 anos de idade, 56,4% estão em um intervalo de 25 a 30 anos de idade e 12,6% possuem mais que 30 anos de idade. Quanto ao período de formação, 12,5% se formaram

entre 2004 a 2010 sendo um público que se formou nos antigos cursos de Licenciatura Plena, 37,5% se formaram entre 2011 a 2017 e 50% se formaram ou se formarão entre 2018 a 2021/2022. Este último dado se justifica porque alguns profissionais estão cursando ainda uma segunda habilitação, por exemplo, fizeram bacharelado e estão fazendo licenciatura e vice-versa.

Este dado mostra que os profissionais que atuam na iniciação esportiva são adultos jovens e mais da metade formada recentemente, fator relevante para nosso estudo visto que a maioria deve ter tido contato em sua formação com a área da Pedagogia do Esporte que muda o foco da iniciação esportiva como proposto por Scaglia (2021), Paes (1998), González e Bracht (2012). Vale ressaltar, porém, o alerta de Tubino (2010) que em nossa cultura ainda está enraizada a visão do esporte rendimento e que prevê na iniciação a revelação de talentos esportivos excluindo os menos habilidosos.

Ao responder sobre suas formações, a maioria se formou em Universidades Públicas, cerca de 56,3%, e 43,8% se formaram em Instituições Privadas. Fato este relevante visto que historicamente a escolha do referencial teórico nos currículos de formação é diferente nestes contextos e, muitas vezes, na iniciativa privada a visão do rendimento historicamente era estimulada. Kunz (2001) argumenta exatamente na importância de transformar a visão didática pedagógica do esporte, desde a formação até sua aplicação na iniciação esportiva.

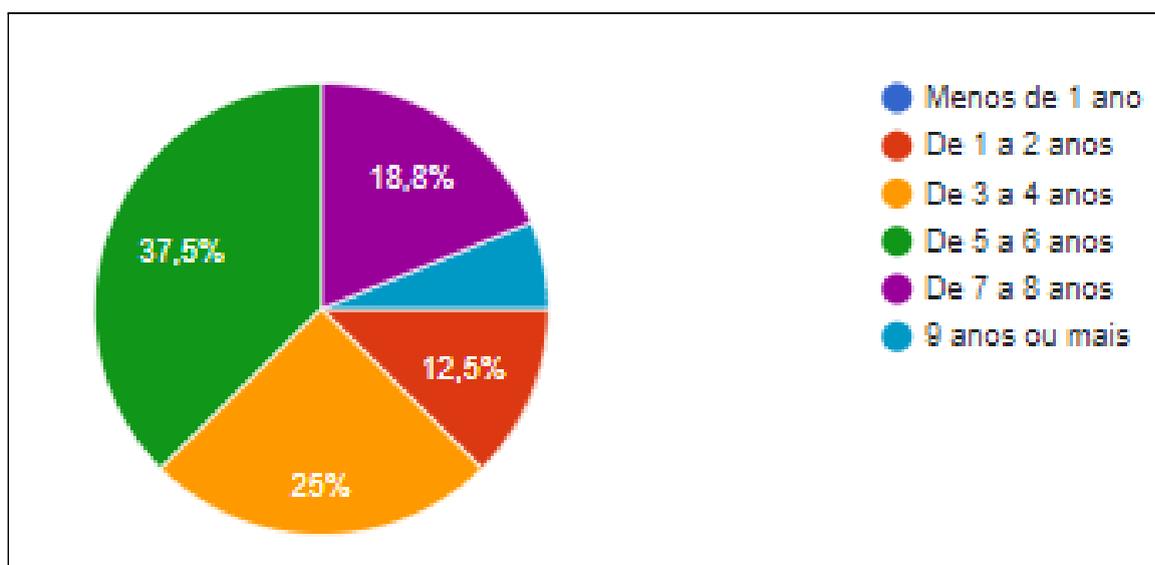
Já na área de formação a maior parte dos participantes se formaram em Licenciatura (81,25%) contra (50%) formados em Bacharelado. Porém, esses são dados brutos, ou seja, dos formados em Licenciatura alguns se formaram também em Bacharelado ou estão finalizando o Bacharelado. E em relação ao Bacharelado a mesma coisa, porém em proporções diferentes como descrito a seguir. De todos os participantes 31,5% possuem as duas graduações, 37,5% são formados em Licenciatura e estão finalizando o Bacharelado, contra 6,25% que são formados em Bacharelado e estão finalizando a Licenciatura, já 12,5% são formados em Bacharelado e não buscaram realizar a Licenciatura e 12,5% são formados em Licenciatura e também não buscaram realizar o Bacharelado. Esses dados são interessantes de analisar, pois segundo o CREF os Bacharéis que são habilitados a trabalhar com iniciação esportiva fora do ambiente escolar, podendo esse ser um

dos motivos de o número de formados em Licenciatura estar buscando outro curso ser maior. Destacando a reflexão que pelo fato de grande maioria ter se formado em Licenciatura e serem da área da educação, era esperado um conhecimento conceitual sobre avaliação no processo de ensino e aprendizagem focados na área de Pedagogia do Esporte (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI, 2013; TEIXEIRA; FIGUEIREDO; RIBAS, 2019).

Em relação a cursos e formações, 12,5% buscaram realizar especializações na área do futebol, já em relação a cursos teóricos e práticos, a proporção de professores que realizaram esses respectivos cursos foi de 56,3% e 62,5% respectivamente. Dessa forma, nota-se que grande parte dos professores buscam complementar suas formações através de cursos. No entanto, apenas uma minoria de 12,5% buscou cursos de especialização na área. Rodrigues et al. (2016) ressaltam a importância dos profissionais da área buscarem atualizações, seguindo as transformações e renovações que o universo do futebol vem sofrendo, especialmente com velocidade do surgimento de novas tecnologias a formação contínua dos professores como meio de se atualizarem é importantíssima.

Quanto ao tempo de atuação com iniciação esportiva em futebol, nenhum participante atua há menos de 1 ano. A maior parte dos professores/treinadores atuam há mais de 5 anos, conforme podemos observar na Figura 7.

Figura 7 - Tempo de Atuação com Iniciação Esportiva em Futebol.

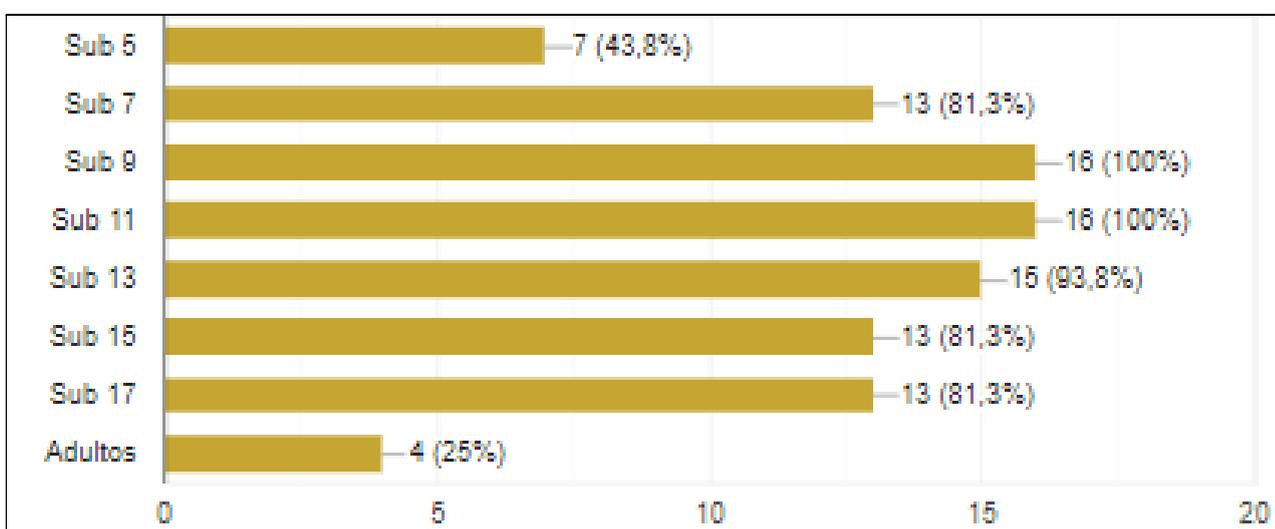


Fonte: O autor

Observamos que a maioria estão formados entre 5 e 6 anos (37,5%) e quando somados aqueles formados de 3 a 4 anos (25%), nos apresenta uma realidade onde o profissional já se adaptou ao ambiente de trabalho, conheceu a filosofia de trabalho dos clubes e escolinhas e já era possível implementar o seu plano de trabalho a partir da sua formação e dos conhecimentos adquiridos. Mozardo Junior (2021) argumenta que cabe ao profissional adequar a sua atuação aos objetivos e características exigidas na iniciação esportiva em determinado momento histórico e não apenas reproduzir o modelo tecnicista.

Seguindo com a atuação profissional dos professores/treinadores foi levantado quais categorias, ou idades, eles já trabalharam. As respostas dos profissionais desvendaram que 100% dos entrevistados já atuaram nas categorias sub 9 e sub 11 conforme consta na Figura 8. Nas idades mais novas o número de professores que atuam, ou já atuaram, diminuiu para 43,8%. Já para as categorias sub 15 e sub 17 ambas são representadas com 81,3% de professores/treinadores que já trabalharam com essas idades.

Figura 8: Faixas etárias já trabalhadas.



Fonte: O autor.

Quando observamos que crianças de 5 anos já estão sendo estimulados na iniciação esportiva, nos alerta para que o trabalho não foque na especialização precoce conforme demonstra preocupação Paes (1998). Além disso, vale a preocupação de Cavichioli et al (2012) que temos que desconstruir a visão de pais e

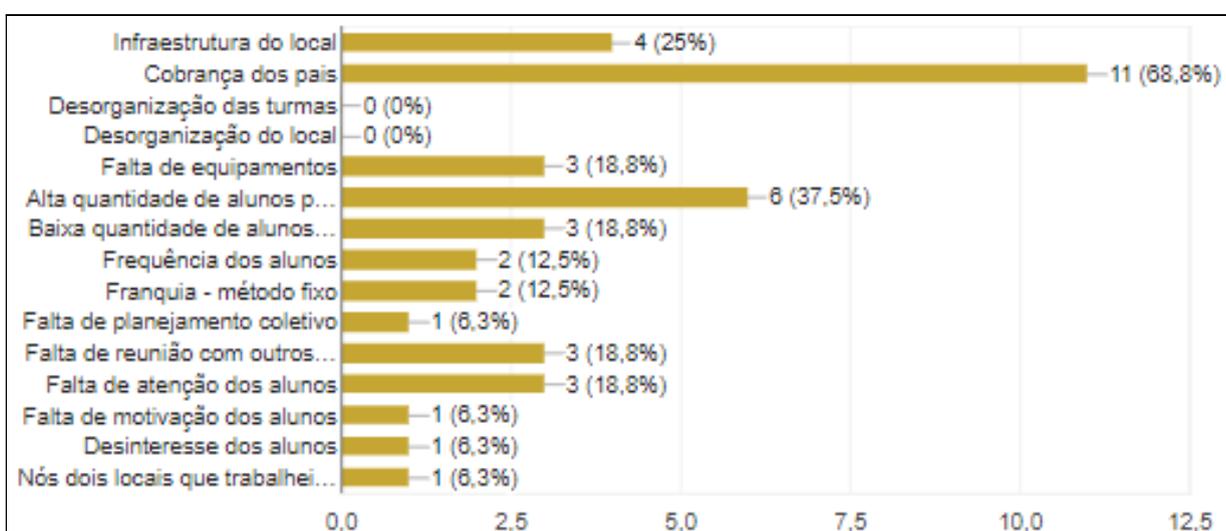
técnicos sobre o quanto antes iniciar a prática do esporte mais cedo iremos revelar os talentos.

É sugerido pela literatura que a iniciação esportiva deve ocorrer entre ao redor de 11 anos, visto que, segundo Assis e Colpas (2013, p. 1) “...os alunos devem estar mais próximos aos movimentos e às habilidades do futebol introduzindo a prática de pequenos e grandes jogos, possibilitando a criação e o desenvolvimento de suas vivências.”. Argumenta ainda o autor que antes dessas idades os objetivos são voltados para a aprendizagem motora através de experiências e vivências diversificadas, através de pequenos e grandes jogos.

Dando continuidade, foi perguntado para os professores quais as principais dificuldades encontradas para lecionar suas aulas e como elas impactam sua prática profissional, as respostas estão organizadas na Figura 9. Como já era esperado, a maior dificuldade citada é a cobrança dos pais 68,8% sendo quase o dobro da segunda dificuldade mais citada, sendo semelhante ao estudo de Cavichioli et al (2012).

Destacamos também o alto número de alunos por turma (37,5%) e a questão da infraestrutura do local das aulas (25%), fatores estes importantes na dinâmica das aulas, mas que para os proprietários de escolinhas aumentar o número nas aulas significa lucro e investir na infraestrutura significa aumentar as despesas, em concordância com Thiengo (2011), quando ele caracteriza as “Escolas Comerciais”.

Figura 9: Principais dificuldades encontradas no processo de ensino



Fonte: O autor.

Dentre todas as dificuldades apontadas, também foi solicitado para eles complementarem e relatarem quais são as consequências dessas dificuldades, dessa forma foi possível analisar quais as relações dessas dificuldades com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na iniciação esportiva de futebol.

E algumas citações valem a pena serem analisadas e refletidas, como as falas sobre a cobrança dos pais de forma exacerbada sobre os alunos

“... cobranças dos pais quando estes depositam muita pressão no menino ou na menina para buscar um alto rendimento quando esse estudante está ali com objetivos de conhecer e não ainda se especializar.” (P5),

Rodrigues et al. (2016) argumentam que, muitas vezes essa pressão dos pais, vem de um sonho do pai de ver o filho se tornar um jogador profissional, entretanto o papel do pai é estimular e encorajar a criança a praticar o futebol e não os pressionar. Os autores ressaltam que nessas situações, cabe ao professor mostrar para os pais os pontos negativos dessa pressão em cima dos alunos e quais são os verdadeiros objetivos e valores da iniciação esportiva através do diálogo com esses familiares.

Infelizmente esta situação de acordo com Betti (2020) é consequência da subordinação ao esporte de alto rendimento, onde muitos veem essa prática como um possível lugar de detecção de talentos, como é relatado nesta outra fala:

A pressão dos pais para que os alunos se tornem profissionais atrapalha pois deixam as crianças nervosas pois na grande maioria das vezes, ainda não tiveram amadurecimento suficiente para compreender o sonho do pai e a própria vontade de ser ou não jogador, isso muitas vezes desmotiva o aluno ou faz com que ele não escute algumas instruções devido ao pai pensar de maneira contrária, prejudicando o desenvolvimento e também em casos em que o aluno não tem vontade de praticar esportes, mas acaba fazendo por pressão do pai, acarretando o problema de desmotivação desse aluno, causando problemas na aula. (P 14).

Essa pressão também acaba atrapalhando o processo de ensino aprendizagem, colocando em cheque as instruções do professor/treinador com as falas dos pais, criando uma confusão na cabeça da criança, conforme relata o Professor 7:

"Muitos pais do lado de fora, gritarem com seus filhos para que faça o que ele diz, e aí temos um problema ao qual a criança, deparando-se com esse contexto, certamente vai ouvir o pai/mãe do que o/a professor/professora." (P 7).

Nesse contexto o professor está disputando a atenção da criança com os pais, e nessa disputa quem sai ganhando são os pais. Porém, o problema desta disputa é que o conhecimento que poderia ser construído nesse processo é ignorado e continua a reprodução do senso comum nessa área esportiva conforme relata alguns professores sobre os pais:

"... cobrando sobre eles com a má interpretação ou opinião duvidosa sem base científica ou técnica dos pais. (P8).

"A cobrança dos pais, pelo fato de pular as fases iniciais e naturais que toda criança tem que passar" (P9)

"Cobrança em excesso pode causar danos psicológicos às crianças além da perda do interesse pela prática da modalidade."(P3).

Rodrigues et al.(2016) destacam que o papel do professor vai além da relação com os alunos, além de ensinar o aluno essa prática esportiva, mostrar também aos pais sobre como é esse processo de ensino aprendizagem. Leonardi (2013) complementam que o profissional necessita deixar claro qual o método de trabalho, respeitando as fases de crescimento e desenvolvimento, tanto físico quanto psicológico, que a criança está passando. Fatores destacados por Silva et al (2011) muitas vezes negligenciados nesta fase, em especial por volta dos 11 anos, onde a meta é a revelação de talentos para que clubes e empresários vendam e façam

lucro, o que leva aos pais a sonharem com um futuro melhor para seus filhos. Acelerar esse processo ou depositar a pressão de que a criança tem que ser um futuro craque pode levar ao pai achar normal a especialização precoce.

Esse cenário reforça ainda mais a importância de estar claro para o professor, quais são os objetivos para os alunos de acordo com cada idade, e esses objetivos devem estar no planejamento das aulas, pois assim, possibilita ter ferramentas para realizar esse diálogo com os pais e mostrar de forma concreta quais objetivos estão sendo abordados nas aulas. E para otimizar ainda mais o convencimento dos pais, é fundamental que os professores realizem avaliações e tenham em mãos os resultados alcançados de cada aluno após um período de prática. Dessa forma, segundo Leonardi (2013) o profissional utiliza a avaliação formativa e assim consegue escolher o melhor ensino e atingir os objetivos desejados.

Em relação à realização da avaliação, quando questionados os profissionais, verificamos que 75% realizam e 25% não realizam avaliações com seus alunos como ilustrado na Tabela 4.

Tabela 4: Realização de Avaliações no processo de ensino-aprendizagem

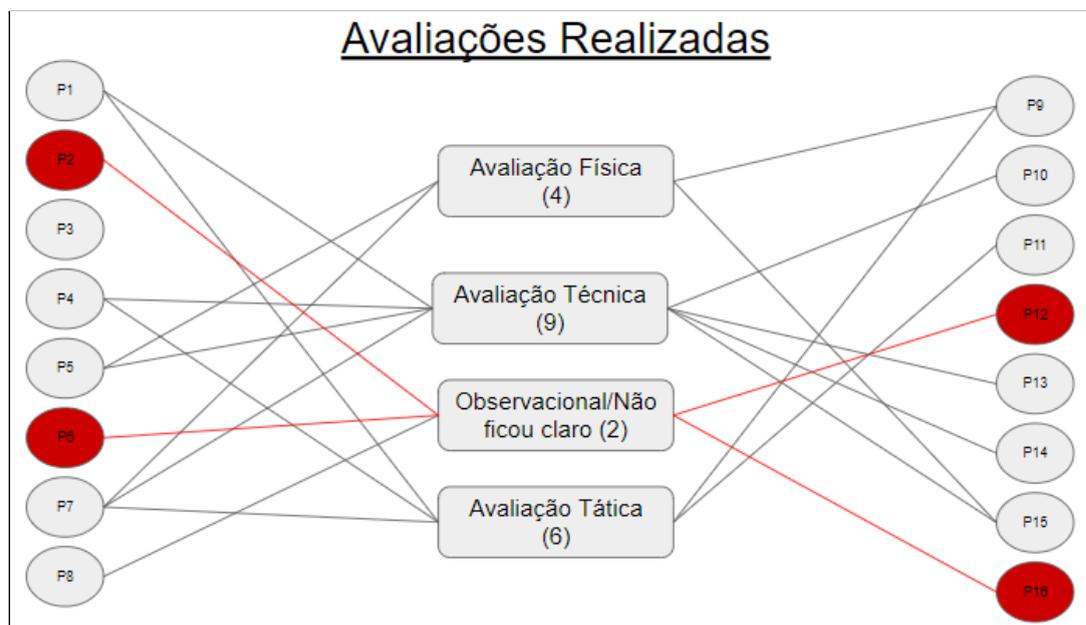
Professor	Faz avaliação?
Professor 1	Sim
Professor 2	Sim
Professor 3	Não
Professor 4	Sim
Professor 5	Sim
Professor 6	Sim
Professor 7	Sim
Professor 8	Não
Professor 9	Sim
Professor 10	Sim

Professor 11	Sim
Professor 12	Não
Professor 13	Sim
Professor 14	Sim
Professor 15	Sim
Professor 16	Não

Fonte: O autor

Entre os professores que responderam que realizam avaliação, foi analisada todas as respostas e divididas em categorias, possibilitando analisá-las de forma mais aprofundada e buscar semelhanças entre elas para serem criadas as categorias de avaliações realizadas. De todas as avaliações foram citadas: habilidades, fundamentos, antropométricas, teste de força, teste de velocidade, testes de coordenação motora, nível de jogo, quantidade de passes e acertos e tomadas de decisões, foi possível dividi-las em: Avaliação Física, Avaliação Técnica e Avaliação tática, Observacional ou não ficou Claro. Nesta última categoria estão incluídas as respostas em que o professor falava que fazia, porém, não deixava claro. Tais respostas estão sintetizadas na Figura 6 (Mapeamento)

Figura 6 - Mapeamento das principais avaliações realizadas pelos professores



Fonte: O autor.

Na Figura 6, os professores que estão destacados em vermelho são aqueles que responderam que não realizavam avaliações no momento da pesquisa, desses quatro professores o P6 respondeu que não está realizando avaliações no momento por estar trabalhando em uma nova escola de futebol, porém já trabalhou com avaliações anteriormente e ao ser perguntado como eram realizadas as avaliações ele destacou características observacionais. Já os professores P2, P12 e P16 responderam que não realizavam avaliações, porém ao serem questionados de como analisavam as evoluções dos alunos eles destacaram características de avaliações, porém sem perceber, essa situação evidencia a crítica de Leonardi (2013) quando o autor salienta que falta conhecimento conceitual sobre avaliação para os professores.

Para essa categorização, todas as avaliações que contemplavam aspectos físicos ou fisiológicos como: antropometria, teste de força, teste de velocidade, teste aeróbico e anaeróbico foram consideradas como avaliações físicas. Já as avaliações citadas como fundamentos, habilidades isoladas e de análise quantitativa (somativa) foram consideradas como avaliações técnicas. E as avaliações citadas que buscavam identificar o nível de jogo, inteligência para jogar e comportamentos táticos foram consideradas como avaliações táticas. E por último, algumas respostas

de avaliações não ficaram claras quais aspectos eram analisados, como avaliações de “formato livre” e com “olhar clínico de professor” foram consideradas como Observacional/Não ficou claro.

Observamos que alguns professores relataram mais de uma forma de avaliação, como por exemplo o P7 que citou avaliações que se encaixavam nos grupos e Avaliação Física, Avaliação Técnica e Avaliação tática, dessa forma coube ao autor desta pesquisa analisar as respostas na íntegra para identificar qual categoria melhor se classifica para cada Professor.

Mas vale ressaltar que essa dificuldade apresentada por ter mais de uma avaliação citada foi considerada como um ponto positivo, visto que diversas formas de avaliar um aluno é a maneira mais democrática como apontam os autores González e Bracht (2012); Leonardi (2013); Teixeira, Figueiredo e Ribas (2019). Todavia, no contexto dessa pesquisa de buscar compreender os formatos de avaliação na iniciação esportiva foi necessário realizar essa divisão e que serão melhor interpretadas de forma separadas.

5.1 Avaliação Observacional/Não Ficou Claro

Essa categoria foi definida através das respostas dos professores que citaram realizar avaliações através da observação durante as aulas e jogos, mas também através de respostas dos professores que não ficaram claras como são realizadas as avaliações, sendo considerado pelo autor desta pesquisa, realizada de maneira subjetiva e a critério da intuição do professor. Foi classificado nesta categoria a maior parte dos professores desta pesquisa, como identificado anteriormente por Rodrigues et al. (2016), que grande parte dos professores de futebol ainda reproduzem essa pseudo-avaliação, como apontado também por Paoli, Silva e Soares (2008)

Encontramos nessa categoria 43,75% dos professores correspondendo aos: P2, P3, P6, P8, P11, P12 e P16. Vale ressaltar que os 4 professores que responderam não realizar avaliações, sendo os professores P2, P6, P12 e P16,

estão classificados nessa categoria de acordo com suas respostas, por compreendermos que existir uma falta de conhecimento conceitual sobre avaliação na educação, e ignorarem a observação como um dos meios de avaliação conforme apontou Leonardi (2013).

Começando justamente pelos professores que responderam que não realizam avaliações com os alunos. As justificativas pela não realização foram falta de tempo, falta de ferramentas e que não é o objetivo dos professores avaliar.

Em contrapartida ao que já foi comentado nos capítulos anteriores, da realização exclusiva da análise observacional, por mais que tenha todos seus pontos negativos e é considerada uma pseudo avaliação por alguns autores, ela possui essa característica quando é realizada sozinha no processo de ensino aprendizagem, mas não podemos desconsiderá-la totalmente como um meio de avaliação. Como por exemplo na seguinte fala do professor:

“Não realizamos avaliações porque não é nosso objetivo avaliá-los de alguma forma específica, mas sim observar evolução ou regressão, participação nas atividades e comportamento durante as aulas.” (P16)

Nota-se uma falha sobre a conceito de avaliação, seus objetivos e aplicação no processo de ensino, como apontado anteriormente por González e Bracht (2012), Leonardi (2013)

Dado que todo processo de ensino e aprendizagem deve ser avaliado, e a observação pode ser considerada um meio, porém não deveria ser o único utilizado. Dessa maneira não podemos ignorar sua aplicabilidade, como relata a professora:

“Utilizo para ter um parâmetro do desenvolvimento pessoal e coletivo dos alunos e alunas, e para também trazer novos desafios através das atividades e conteúdos durante os treinos.” (P11),

Deste modo, procuramos entender como essas justificativas impactam na dificuldade em realizar as avaliações, como na seguinte fala:

“Falta de tempo pela quantidade de aulas e tempo dos alunos e pais, pra estar fazendo uma avaliação individual de cada um, as avaliações ocorrem durante a aula num modo coletivo.” (P2),

Vale ressaltar que esse professor diz realizar seus planejamentos semanalmente, fica o questionamento se uma aula do semestre não pode ser destinada para a realização das avaliações? Visto que o mesmo define as metas a serem atingidas nas aulas

“... são de acordo com as respostas que os alunos vão dando durante os treinos.” (P2).

Entretanto verificamos em várias falas que continua sendo reproduzido a análise subjetiva sem algum critério definido para avaliar a melhora do desempenho dos alunos

“No dia a dia, treino a treino, você consegue perceber evoluções constantes” (P8)

“Simplesmente com o olhar clínico de professor, não possuo nenhuma ferramenta que auxilie nesse tipo de avaliação .” (P12)

O professor P12 respondeu ainda que não traça nenhuma meta ou objetivo a ser alcançado, o que pode ser uma consequência da falta de diagnóstico das dificuldades da turma (LEONARDI, 2013).

Dentre as respostas, uma foi considerada como exceção pelo fato do professor ser novo no local de trabalho e não ter presenciado as avaliações. Porém, afirma que existe um processo avaliativo:

“...Onde hoje trabalho temos avaliação, mas cheguei recentemente ao local e não tive ainda a oportunidade de ver mais de perto. No entanto, com base nas atividades planejadas dentro do tema do mês, parto de uma análise observacional e dialogada, ou seja, converso muito com minhas/meus alunas/alunos sobre o entendimento do que foi ministrado em uma sessão, nas semanas e no mês...” (P6)

Porém, essa resposta chama a atenção no diálogo realizado com os alunos, em que, além da avaliação observacional com base nas respostas dos alunos nas habilidades trabalhadas em cada mês, são realizadas rodas de conversas para compreender o que os alunos estão assimilando do conteúdo desenvolvido. Mesmo

se tratando de uma avaliação observacional, esse diálogo com os alunos possibilita colher feedbacks de como eles pensam sobre o jogo e durante o jogo, desenvolvendo uma visão crítica sobre o futebol, como defende Kunz (2001), González e Bracht (2012), Leonardi (2013) em relação a formação dos alunos através de uma visão crítica emancipatória e de formação integral do aluno

5.2 Avaliações Físicas

Nessa categoria se enquadram 12,5% dos professores, sendo os professores P7 e P15. Ambos citaram que realizam mais de uma avaliação, porém, eles foram caracterizados nessa categoria pois apenas a avaliação física era realizada de forma sistematizada, de acordo com suas respostas. Já a avaliação física ocorria através de testes físicos realizados com os alunos trimestralmente, de maneira coletiva e individual. Os resultados eram interpretados estatisticamente segundo a fala dos profissionais.

Segundo o P7, ele também realiza avaliações dos elementos técnicos e táticos, porém, são avaliados de forma observacional nos treinos e nos jogos, não ficando bem definido em quais momentos ele realiza as avaliações. Já o P15, respondeu além da avaliação física, avaliação das habilidades trabalhadas nas aulas, porém, essa avaliação também não é realizada de maneira sistematizada, ou seja, ele ocorre de forma observacional durante as aulas.

Esse tipo de avaliação observacional cai na questão já apontada por este estudo, ficando a critério da intuição do professor, sendo ela subjetiva. Já a realização de avaliações físicas, é realizada de maneira sistematizada, através de testes físicos, que os alunos possuem a consciência que estão sendo avaliados, possibilitando colher dados para comparar o resultado individual entre os alunos e possibilitando também comparar os resultados com as avaliações anteriores, para diagnosticar se houve melhora no condicionamento físico ou não.

Entretanto, por mais que as avaliações físicas sejam realizadas ela possibilita apenas analisar os resultados das capacidades físicas, sendo importante para

analisar o desenvolvimento e a saúde dos alunos. Entretanto, alguns estudos que abordam apenas ensino do futebol na iniciação esportiva, principalmente em períodos que se referem a infância (7 a 10 anos), consideram que esta estimulação não é suficiente para potencializar o desenvolvimento motor das crianças. Portanto, se o objetivo da aplicação desses testes físicos é para evidenciar esse desenvolvimento, principalmente, em crianças com idades menores que 10 anos, não é totalmente indicado (SILVA; CARVALHO; SANTANA, 2015).

Já em relação a performance dos alunos no jogo, apenas essa avaliação não consegue compreender o que deve ser adaptado nos planejamentos das aulas além de componentes físicos. Podendo ser considerada como uma avaliação somativa, por apenas atribuir “notas” aos alunos, não possibilitando impactar nas mudanças de conhecimentos dos mesmos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI 2013).

5.3 Avaliação Técnica

Nessa categoria foram classificados 25% de todos os professores, correspondendo aos seguintes professores: P1, P5, P10 e P14. Para a classificação dessa categoria, foram contempladas todas as respostas dos professores que relataram utilizar as habilidades e fundamentos trabalhados durante as aulas como critério para diagnosticar se houve evolução no jogo de seus alunos de maneira sistematizada. A resposta do professor 14 caracteriza bem esta categoria de análise:

“Depois de coletar os dados e organizá-los, a interpretação era feita em reuniões com os demais professores, e em cima dessas informações as aulas eram planejadas, pensando nas necessidades e potencialidades individuais” (P14).

Ou seja, os professores que utilizam esse método de avaliação, se fundamentam no ensino das habilidades no planejamento das aulas

“Metas mensais de tempo de trabalho, trabalhando determinadas habilidades dentro das situações de jogo, variando de acordo com a idade.” (P1).

“Por habilidades, onde a cada aula/dia, os treinos são através das habilidades do esporte proposto (passes e finalização, domínio e cabeceio e etc).” (P5).

Para a realização das avaliações cada professor utiliza habilidades diferentes, pelo fato de variar o modo de realizar os planejamentos, sendo eles diários, semanais ou mensais, e por alguns utilizar uma metodologia do local em que trabalham, como relata o P6.

“Temos temas por mês a serem ministrados, e são com base neles que planejo minhas aulas. A metodologia tem apostilas com tais temas e sugestões de atividades a serem seguidas...”.

Sendo assim, aquela habilidade específica que está sendo avaliada pode ser avaliada de formas diferentes, por causa da metodologia do local de trabalho ou do professor, podendo ser uma análise de forma quantitativa (somativa), em que, avaliam a quantidade de vezes que são executadas aquela ação, ou de maneira qualitativa, analisando não só a quantidade de vezes que aquela ação é executada, mas a maneira como é realizada, analisando então não só uma habilidade isolada, mas sim, a qualidade dela em diferentes situações como cita o professor como na seguintes falas:

“Quantidade de acerto de passe...” (P10),

“Eram realizadas avaliações como passes de curta, média e longa distância, finalizações de média e curta distância...” (P14)

“[...] mais de caráter qualitativo, tanto individual como coletivo, como por exemplo melhorar a qualidade do passe. Ao enxergar lacunas ou alguma habilidade a ser trabalhada, eram propostos atividades para buscar melhorias, mas não era estipulado um tempo para se chegar no objetivo.” (P14)

Por mais que a utilização das habilidades como ferramenta de avaliação seja realizada de maneira sistematizada, deve-se atentar que, muitas vezes, a maneira de realizar as avaliações, principalmente as realizadas de caráter quantitativo, podem ser semelhantes aos métodos de ensino tradicionais criticados por Ferreira e

Ramos (2010), González e Bracht (2012), Leonardi (2013) e Castro et al (2015), desconsiderando a lógica interna do jogo. Em que são priorizados os fundamentos com o objetivo de automatizar essa ação motora, porém, não é atribuído algum significado àquele movimento ou é realizada de maneira descontextualizada, levando a situações que o aluno possui o fundamento automatizado porém não consegue distinguir o melhor momento para utilizá-lo e como utilizá-lo e quando utilizá-lo.

Destaca-se a utilização das habilidades com a óptica de maneira qualitativa na realização das avaliações, visto que o futebol é um esporte de invasão com imprevisibilidade das situações, desta forma avaliar uma habilidade de forma isolada que esteja bem desenvolvida nem sempre resultará em um bom desempenho no jogo, por conta da influência do ambiente e dos adversários como defende os autores González e Bracht (2012). Diante disso, começa a ser utilizada a técnica em conjunto da tática, avaliando assim, situações que estão mais próximas do jogo.

5.4 Avaliação Tática

Nessa categoria foram classificados 18,75% dos professores, correspondendo aos seguintes professores: P4, P9 e P13. Foi utilizado como critério de categorização a utilização de ações táticas nas avaliações dos alunos, considerando ações ofensivas e defensivas, relações de cooperação e oposição e comportamentais, como nas seguintes respostas:

“São realizadas avaliações mensais de acordo com os aspectos do jogo e questões de comportamento e cooperação.” (P4)

“Focava mais na inteligência para jogar e aspectos táticos...” (P9).

Consequentemente, por se tratar de um esporte que exige relações de oposição e cooperação, tomadas de decisões através de atitudes comportamentais,

não basta o aluno saber realizar uma habilidade ou fundamento de forma perfeita esteticamente, ele deve saber como utilizar essa técnica e quando utilizá-la para conseguir concretizar a ação de forma eficiente (FERREIRA; RAMOS, 2010; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI 2013, SCAGLIA 2021). Como na seguinte situação de uma habilidade específica:

“Passe se o estudante consegue entender o fundamento e a melhor forma de utilizar de acordo com os jogos.” (P4).

Sendo assim, devemos considerar na maior parte das vezes, o jogo de maneira completa

“Analiso a evolução e desenvolvimento nas aulas, no desempenho individual de cada um dentro do jogo como um todo.” (P13).

As avaliações de ações motoras táticas possibilitam diagnosticar como está o conhecimento tático processual dos alunos durante o jogo, e geralmente os professores que utilizam esse método de avaliação, suas aulas na prática são embasadas em atividades que se aproximam ao máximo do jogo, e mesmo diminuindo a complexidade para o praticante, continua abrangendo elementos da lógica interna do futebol como relatado a seguir:

“Através de atividades práticas desafiadoras que fizessem com que o aluno encontrasse soluções práticas demonstrando inteligência tática.” (P13).

Foi relatado em algumas escolinhas, que as turmas são divididas por nível de jogo dos alunos, para tentar deixá-las de maneira mais homogênea e possibilitar atribuir objetivos e atividades mais próximas do nível de conhecimento que as turmas apresentam e as avaliações auxiliam nessa divisão

“Utilizamos para melhor organizar as turmas por exemplo.” (P9)

“... Utilizo como forma de reflexão e replanejamento se necessário, os dados mostram se posso evoluir nas aulas, se devo regredir ou

reformular algumas estratégias para atingir o objetivo pré definido em cada turma (definidas por níveis, não somente pela idade).” (P13).

Sendo assim, devemos ressaltar a importância da utilização da avaliação diagnóstica e formativa no processo de ensino aprendizagem do futebol, possibilitando diagnosticar o nível de jogo dos alunos possíveis defasagens ou dificuldades dos alunos no jogo, além de de possibilitar direcionar a aula para que seja mais eficiente de acordo com as necessidades e demandas da turma, realizando necessidades se necessário, tornando as aulas mais específicas e personalizadas possíveis (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; LEONARDI, 2013).

“Forma de reavaliar as tarefas realizadas para melhorar ou continuar o processo de aprendizagem.” (P4)

E como relata o professor P13:

Depois de coletar os dados e organizá-los, a interpretação era feita em reuniões com os demais professores, e em cima dessas informações as aulas eram planejadas, pensando nas necessidades e potencialidades individuais. (P13)

É importante destacar outras falas dos professores, mesmo que estejam em outras categorias, mas que salientam a importância da realização da avaliação durante o processo de ensino e aprendizagem:

“Utilizo para ter um parâmetro do desenvolvimento pessoal e coletivo dos alunos e alunas, e para também trazer novos desafios através das atividades e conteúdos durante os treinos.” (P11).

Sendo possível a utilização da avaliação observacional, que foi aqui criticada ressaltando que em situações quando são utilizada de forma exclusiva, porém, bem vinda quando utilizada como meio de feedback para o professor ir adaptando as aulas mesmo depois de já ter realizado o planejamento, para atender as necessidades dos alunos

“Mirando no ponto de fraqueza e nas próximas aulas, buscar a evolução do aluno neste ponto crítico”. (P3)

“Para possível reavaliação futura, e avaliação interna.” (P1).

5. CONCLUSÃO

A partir do objetivo proposto podemos concluir que os profissionais sinalizaram que realizam alguma forma de avaliação dos participantes das escolinhas de futebol. Tais respostas demonstraram que são feitas avaliações com diferentes objetivos dependendo da meta de cada ambiente da iniciação esportiva. Um ponto preocupante é que os profissionais não apresentaram nenhuma sistematização deste processo e pouca relação com o planejamento das aulas.

Foi constatado nesse estudo que o processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva do futebol não segue o mesmo ritmo de mudanças teóricas observadas dentro da área da Pedagogia do Esporte. Os resultados sinalizaram que muitos dos professores ainda utilizam métodos de ensino analíticos, isolados e descontextualizados em relação à lógica interna do futebol, reproduzindo o método tradicional de ensino dos esportes que a literatura crítica. Entretanto, há professores que já utilizam métodos globais se embasando nas tomadas de decisões e ensino de ações técnicas combinadas com ações táticas do futebol, que vêm sendo discutidas na literatura nas últimas décadas.

Conclui-se que ainda há uma lacuna conceitual sobre avaliação e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva do futebol, levando a grande maioria dos professores assumirem a observação como único meio de avaliação dos alunos, tornando-a muitas vezes subjetiva por não ser sistematizada e ficar a critério do "instinto" do professor.

Algumas das dificuldades apontadas para a utilização da avaliação no processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva de futebol foi a influência dos pais, falta de ferramentas e falta de tempo nas aulas. Entretanto, como apontado na revisão de literatura, já existem métodos de avaliação que possibilitam o professor ter a autonomia de adaptar a avaliação de acordo com o seu contexto

cultural, de alunos, tempo e materiais, possibilitando realizar as avaliações em conjunto com os alunos através da avaliação dos companheiros jogando, auto-avaliação ou realizada pelo professor de maneira individual. Também foi constatado que existem avaliações de rápida e fácil aplicação para turmas com grande número de alunos, que precisam sair do papel e chegar a realidade da prática.

Em vista desses apontamentos destaca-se a importância de aumentar o debate na área da avaliação na iniciação esportiva de acordo com seus objetivos específicos, visto que, foi encontrado como uma dificuldade no desenvolvimento desta pesquisa. A falta de estudos sobre avaliação na iniciação esportiva sem estar subordinada ao esporte de alto rendimento ou então métodos avaliativos que não estejam ligados a reprodução de avaliações tradicionais.

Houve dificuldades na fase de análise de dados em compreender como eram realizadas avaliações citadas pelos professores, ou até de comprovar se essas avaliações eram realizadas na prática, porém, por conta da pandemia do covid-19 essa possibilidade não foi viável. Levantando a alternativa para futuras pesquisas, realizar essa relação do discurso dos professores com a prática de ensino para verificar possíveis características que não foram encontradas neste estudo.

Por fim, esse trabalho me possibilitou identificar novas alternativas de métodos de avaliações na iniciação esportiva do futebol, alinhando com seus objetivos específicos, que tornam o aluno como agente do processo de ensino-aprendizagem, sendo essencial para minha formação e prática profissional, possibilitando ter conhecimentos novos sobre a área e os métodos de ensino do futebol e colocá-los em prática para transformar a realidade que ainda encontramos de métodos tradicionais.

Entendemos como limitação deste estudo o formato de coleta de dados e não observação direta da realidade das escolinhas de Futebol como planejado no ano anterior, porém, ainda inviabilizado devido a Pandemia COVID19. Assim, sugerimos que os próximos estudos possam incluir a análise da realidade vivenciada na iniciação esportiva do futebol.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. V; COLPAS, R. D. A pedagogia esportiva e o ensino do futebol na escola. **Revista Digital Buenos Aires**, v. 18, n. 185, p. 1-1, out. 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd185/a-pedagogia-esportiva-e-o-futebol.htm>. Acesso em 06 de mar. de 2022.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira**. 3ª ed. rev. Unijuí: Ijuí, 2020.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos**. ed. Porto: Porto, 1994.
- BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte. 3ªed. Unijuí: Ijuí, 2005.
- BRASIL. **Decreto-lei nº9.615, de 24 de março de 1998**. Regulamenta o art. 3º, incisos I – da Constituição Federal, institui da Natureza e das Finalidades do Desporto e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm. Acesso em: 11 de fev. 2022.
- CASTRO, H. O. et al. Teste de conhecimento tático processual 3x3 com os pés: alternativa para orientação esportiva. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte de São Paulo**, v. 29, n. 4, p. 621-629, out/dez, 2015.
- CAVICHIOILLI, F. R. et al O processo de formação de atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte de São Paulo**, v. 25, n. 4, p. 631-647, out./dez., 2011.
- DARIDO, S. C. Educação física no ensino médio: diagnóstico, princípios e práticas. ed. Unijuí: Ijuí, 2017.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 2005.
- FERREIRA, L. A.; RAMOS, G. N. S. Esporte e Educação. **PUCVIVA**, n. 38, p. 58–62, mai./ago., 2010.
- FERREIRA, L. A.; RAMOS, G. N. S. Educação física escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais. 22º ed. CRV: Curitiba: 2017
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte de São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.
- GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos Esportes Coletivos**. 1º ed. Vitória: UFES, 2012.
- GRECO, P. J et al. Evidência de validade do teste de conhecimento tático processual para orientação esportiva - TCTP: OE. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte de São Paulo**, v.29, n.2, p. 313-324, abr-jun. 2015.
- JARDIM, M. B. Aprendizagem motora na educação básica. **EFDeportes.com**

Revista Digital Buenos Aires. v. 20, n. 210, nov. 2015. Disponível em: [KIOURANIS, T. D. S. **Os jogos escolares brasileiros chegam ao século XXI: reprodução ou modernização na política de Esporte Escolar?** Orientador: Wanderley Marchi Júnior. 2017. 292 f. Tese \(Doutorado em Ciências em Educação Física\) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Curitiba, 2017.](https://www.efdeportes.com/efd210/aprendizagem-motora-na-educacao-basica.htm#:~:text=As%20fases%20da%20Aprendizagem%20Motora,Aut%C3%B4nomo%20(Jar dim%2C%202012. Acesso em 06 de mar. de 2022.</p></div><div data-bbox=)

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do esporte.** 4. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

LEONARDI, T. J. **Pedagogia do esporte: Pressupostos para uma teoria da avaliação da aprendizagem.** Orientador: Roberto Rodrigues Paes. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296870203.pdf>. Acesso: em 03 de mar. de 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOZARDO JUNIOR, W. D. **Atividades curriculares desportivas: o esporte educacional e as inferências do esporte competição na legislação e na visão dos professores e gestores.** Orientador: Milton Vieira do Prado Junior. 2020. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193054>. Acesso em 03 de mar. de 2022.

OLIVEIRA, F. B. et al. Avaliação e desenvolvimento do VO₂ de atletas participantes de uma escolinha de futebol. **Revista Cinerjis**, n. 1, v. 13, p. 59-64, jan./mar., 2012.

PAES, R. R. Esporte educacional. In: I CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA E II CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 1998, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Universidade de Campinas – UNICAMP, 1998, p.109-114.

PAOLI, P. B.; SILVA, C. D.; SOARES, A. J. G. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. **Rev. Bras. de Futebol**, n. 01(02), p. 38-52, jul/dez, 2008.

PIMENTEL, R. M.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: Perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Revista Pensar a Prática**, n. 1, v. 13, p. 1-15, jan./abr., 2010.

PRONI, M. W. A metamorfose do futebol. Campinas: Unicamp I. E, 2000.

REZENDE, S. **Xadrez na Escola: uma Abordagem Didática para Principiantes.** 2. ed. Ciência Moderna Ltda: Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, A. L. P et al. A formação de jovens atletas nas escolinhas de futebol em Fortaleza - CE. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, n. 31, v. 8, p. 340-347, jan./dez., 2016.

SCAGLIA, A. **Pedagogia, futebol... e rua.** 1ª ed. Talu Educacional: Goiânia, 2021.

SILVA, T. A.; SILVA, C. D.; PAOLI, P. B. Especialização no futebol: controvérsias entre as recomendações pedagógicas e as tendências atuais de seleção e formação de jogadores. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 4, n. 1, p. 54-63, jan./jul., 2011.

SILVA, W. F.; CARVALHO, M. A. S.; SANTANA, F. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças praticantes de futebol. **Revista Digital Buenos Aires**, v. 20, n. 206, p. 1-1, jul. 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd206/avaliacao-do-desenvolvimento-motor-de-futebol.htm>. Acesso em 06 de mar. de 2022.

TANI, Go. Esporte e processos pedagógicos. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (orgs.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

TEIXEIRA, A. J. M. **Perspectiva de professores sobre os jogos escolares das escolas estaduais do interior de São Paulo**. Orientadora: Lilian Aparecida Ferreira. 2019. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2019.

TEIXEIRA, L. A.; FIGUEIREDO, W. J. S.; RIBAS, S. Avaliação do nível de conhecimento tático processual com as mãos para orientação esportiva na escolinha de basquetebol da UFMT. **Anais... X Mostra Extensão da Universidade Federal do Mato Grosso**, 2019.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. Orientadora: Dagmar Ap Cyntia Franca Hunger. 2011. 283 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro, 2011.

TRIVINÕS, A. N. S. Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. 21. ed. Maringá: Eduem, 2010.

ANEXO A - SEÇÃO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Faculdade de Ciências

Olá, estou convidando você para participar da pesquisa inicialmente intitulada "O uso de métodos avaliativos para a iniciação esportiva" com o intuito de fornecer dados para a pesquisa de trabalho de conclusão de curso, no curso de Bacharelado em Educação Física para o discente Álvaro José Marques Teixeira. O objetivo do trabalho é investigar se essas avaliações são ou não realizadas, e quais diferentes impactos que isso pode ocasionar no ambiente de iniciação esportiva do futebol. A sua participação ajudará a compreender melhor esse cenário, e para isto será necessário responder às perguntas deste formulário.

Não precisa participar do trabalho, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado a sua participação. Caso você não entenda algo sobre a entrevista, não goste de qualquer situação que identificar ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar o estudante de Educação Física responsável pela pesquisa.

Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você escrever durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo pesquisador.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Nome do responsável pela pesquisa: Álvaro José Marques Teixeira

Aluno de graduação do curso Bacharelado em Educação Física da UNESP/Bauru

Fone: (16) 99176 - 8570

E-mail: alvaro.teixeira@unesp.br

Contato do Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Jr

E-mail: milton.vieira@unesp.br

Aceito participar desta pesquisa? () Sim () Não

ANEXO B - SEÇÃO 2

Coleta de dados sobre o uso das avaliações para a iniciação esportiva

Este formulário foi desenvolvido com o intuito de fornecer dados para a pesquisa de trabalho de conclusão de curso, no curso de Bacharelado em Educação Física para o discente Álvaro José Marques Teixeira.

Nome Completo:

Idade:

Possui formação em Educação Física?

- | | |
|-------------------------------|--|
| () Bacharelado Completo | () Não possuo formação e sou habilitado |
| () Bacharelado em Andamento | () Não possuo formação e não sou habilitado |
| () Licenciatura Completa | () Outros |
| () Licenciatura em Andamento | |
| () Licenciatura Plena | |

Em qual tipo de instituição se formou ou está se formando?

- () Pública () Privada

Qual o ano concluiu ou concluirá a sua formação?

Participou de alguma dessas atividades com foco em futebol e/ou iniciação esportiva?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Estágio | <input type="checkbox"/> Voluntariado |
| <input type="checkbox"/> Iniciação Científica | <input type="checkbox"/> Ex-Atleta |
| <input type="checkbox"/> Projeto de Extensão | <input type="checkbox"/> Especialização |
| <input type="checkbox"/> Mestrado | <input type="checkbox"/> Cursos de formação teórico |
| <input type="checkbox"/> Curso de formação prático | <input type="checkbox"/> Outros |

A quanto tempo você trabalha com iniciação esportiva no futebol?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de 1 ano | <input type="checkbox"/> De 5 a 6 anos |
| <input type="checkbox"/> De 1 a 2 anos | <input type="checkbox"/> De 7 a 8 anos |
| <input type="checkbox"/> De 3 a 4 anos | <input type="checkbox"/> 9 anos ou mais |

Com quais categorias você trabalha ou já trabalhou?

- | | |
|---------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sub 5 | <input type="checkbox"/> Sub 15 |
| <input type="checkbox"/> Sub 7 | <input type="checkbox"/> Sub 17 |
| <input type="checkbox"/> Sub 9 | <input type="checkbox"/> Adultos |
| <input type="checkbox"/> Sub 11 | <input type="checkbox"/> Outros |
| <input type="checkbox"/> Sub 13 | |

Considerando duas atividades, que você já utilizou em suas aulas, disserte como você trabalharia a mesma habilidade específica (ex. chute, passe, etc) para duas categorias, a sua escolha, nos diferentes níveis: iniciante e avançado.

Exemplo:HABILIDADE ESPECÍFICA: Passe

Categoria: Sub x - Atividade 1: iniciante, Atividade 2: avançado.

Categoria: Sub y - Atividade 1: iniciante, Atividade 2: avançado.

Quais as principais dificuldades encontradas em trabalhar com iniciação esportiva do futebol?

- Infraestrutura do local
- Cobrança dos pais
- Desorganização das turmas
- Desorganização do local
- Falta de equipamentos
- Alta quantidade de alunos por turma
- Baixa quantidade de alunos por turma
- Frequência dos alunos
- Franquia - método fixo
- Falta de planejamento coletivo
- Falta de reunião com outros professores e/ou coordenação
- Falta de atenção dos alunos
- Falta de motivação dos alunos
- Desinteresse dos alunos
- Outros

Como essas dificuldades influenciam e/ou podem influenciar no processo de ensino aprendizagem do futebol?

Você realiza um planejamento prévio das suas aulas? Assinale todas as opções que se enquadrem para a sua resposta.

- Não
- Frequentemente
- Quando possível
- Sempre
- Outro

Se sim, como esse planejamento é realizado?

- Planejamento por aula
- Planejamento diário
- Planejamento semanal

- Planejamento mensal
- Planejamento semestral

De acordo com a resposta anterior, são definidas metas e/ou objetivos dentro do tempo determinado e como são definidas (exemplo: meta mensal de aumentar o número de passes no jogo)?

Você realiza algum tipo de avaliação com seus alunos?

() Sim

Ir para a Seção 3

() Não

Ir para a Seção 4

ANEXO C - SEÇÃO 3

Continuação

Explique como são realizadas as suas avaliações.

Ex. Alguma habilidade específica (chute, drible) ; Mini jogos; etc

Como você analisa a evolução e desenvolvimento dos seus alunos?

Com qual foco são realizadas as suas avaliações?

- Individual, avalio cada aluno e suas necessidades
- Coletiva, avalio as necessidades de cada turma
- Ambas

Com qual frequência realiza essas avaliações?

- Quinzenal
- Mensal
- Bimestral
- Trimestral
- Semestral
- Anual
- Outros

Os alunos sabem que estão sendo avaliados?

- Sim Não Outro

Do seu ponto de vista, como avaliaria o nível de conhecimento tático e/ou processual dos seus alunos?

Como você utiliza os dados obtidos com as avaliações?

Gostaria de relatar alguma coisa que não foi perguntada?

ANEXO D - SEÇÃO 4

Continuação

Como você analisa a evolução e desenvolvimento dos seus alunos?

Por qual motivo você não realiza avaliações?

Se desenvolvêssemos um curso de avaliação você teria interesse em participar?

- Sim
- Não
- Talvez

Gostaria de relatar alguma coisa que não foi perguntada?
